O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 7 DE JULHO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:706

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Cousas sérias.—Barbosa de Magalhães.—O caminho de ferro do Valle do Vouga.—Discipulo que não honra o mestre.—Ainda a questão das irmãs hospitaleiras. — Noticiario. — Expropriação por zonas.—O galão branco.—Transcripção.—Sessões parlamentares.— Communicados, Necrologio, *por L. P. O.*—Secção litteraria: Como se maneja uma lingua, *por Senna Freitas.* —Parte official.—Folhetim, Ivanhoé ou o regresso do cruzado.—Carta de Lisboa.

AVEIRO

COUSAS SÉRIAS

Foi votada a proposta dos cereaes, e já está vencida a primeira campanha da expropriação por zonas. Estes trabalhos consumiram tempo, havendo quem os discutisse, chegando o primeiro a ser objecto de requesta, como se a magnitude do assumpto se prestasse a polemicas, ou fosse susceptivel de transformar-se em questão politica.

Tanto o governo como a opposição entendiam, que devia prestar-se o maximo apoio á agricultura; sentindo nós que a regeneração só agora conhecesse os inconvenientes da legislação que fabricou em prejuizo da lavoura nacional e só com vantagem do especulador. Até aqui existia um pequeno imposto estatistico sobre os cereaes, quer em grão quer em farinha. E por mais clamorosos que fossem os brados dos productores, nunca os ministerios d'aquella feição politica se importaram com elles, para avaliar a justiça da causa, e proceder depois em harmonia com os interesses legitimos da classe agricola.

Agora porém encontrou opportunidade de fazer politica, e não se embaraçou com isso, chamando a capitulo os graduados da sua ordem, para dar uma carga nos adversarios. Falharam-lhe porém os planos. O paiz sabe que a regeneração esteve por longos annos no poder, não fazendo caso da agricultura, que já então alvitrava, que a sua salvação dependia do augmento dos direitos da pauta. Porque foi que então os economistas regeneradores desprezaram a materia, pondo-a totalmente de parte? Estavam no poder, e facil lhes era deferir ao justificado empenho de tão respeitavel classe. Pois nada fizeram, e agora envidavam esforços para dar um cheque, vendo atraz d'elle as pastas adoradas. Sempre a politica rasteira que ahi se inventou para conseguir fins, sem se olhar á moralidade dos meios.

Mas a traça ficou inutilisada. Não obstante o reforço dos dignos pares que só nos dias de parada vão occupar o seu logar; a despeito das *mulas de reforço*, como em tempo lhes chamou o sr. Pinheiro Chagas, a proposta ministerial teve 30 votos de maioria. Foi um successo extraordinario, se attendermos ás peripecias que se déram n'esta questão, a que a politica devia ser estranha.

A expropriação por zonas limitava-se á capital, e por tanto não despertava o interesse que todos ligavam á questão dos cereaes. Se aquella se tornou notavel por a importancia que lhe deu uma parte da opposição, esta tinha maior alcance, porque contendia pelo menos com quatro classes, a saber—productor, moageiro, manipulador e consumidor. Era preciso por tanto não perder de vista as conveniencias de elementos verdadeiramente antagonicos. O productor exigia mais, mas em sentido contrario representavam o moageiro e o manipulador. Quanto ao consumidor levantar-se-ia, apenas as differenças do imposto incidissem no genero manipulado. E o governo tinha de haver-se com todas estas classes, garantindo a cada uma d'ellas os interesses que se disputam, sem sacrificar nenhuma, porque se houvesse alguma victima, o desequilibrio manifestar-se-ia, resultando d'ahi graves perturbações.

O lyrismo não podia caber em questão de tamanho folego. São de certo muito respeitaveis as conveniencias da agricultura. Nós aqui temos pugnado por ellas ha muitos annos e valentemente. Mas não podemos negar que aos poderes publicos cabe a incumbencia de precatar os interesses do maior numero, e que a lei proteccionista a que podesse attribuir-se o augmento do preço do pão, seria a causa de uma crise, cujas consequencias não seria facil prever.

Assim protegeu-se a lavoura, augmentando os direitos sobre os cereaes estrangeiros. Foi um passo dado no caminho favoravel á agricultura nacional, sem todavia sacrificar o consumidor, que é o maior numero.

BARBOSA DE MAGALHÃES

Mais um triumpho conta este notavel parlamentar e nosso distincto collega. A discussão do projecto de lei de expropriações por zonas, de que o sr. dr. Barbosa de Magalhães foi relator, deram-lhe azo a manifestar mais uma vez os seus vastissimos conhecimentos juridicos e a patentear em toda a sua pujança o seu formosissimo talento. O nosso amigo teve agora de medir-se com dois dos primeiros atheletas da camara, difficilima empresa de que saiu, como sempre, victorioso.

Sobre o ultimo discurso pronunciado por s. ex.ª, na sessão de quinta-feira, escreve um dos mais considerados e illustrados jornaes da capital o seguinte:

«Proseguindo a discussão do projecto de expropriação por zonas, e usando da palavra o sr. Barbosa de Magalhães, relator, que respondeu ao sr. conselheiro Dias Ferreira, demonstrando que a phrase empregada pelo illustre jurisconsulto—de que a medida em discussão, era um ataque violento feito á propriedade—não passára de uma figura de rethorica, visto que em face da sciencia juridica e do direito publico, se não podia sustentar.

O sr. Barbosa de Magalhães é um parlamentar muito illustrado, um jurisconsulto muito erudicto, e um argumentador muito dialectico e estas tres qualidades bastam para se poder concluir immediatamente, que s. ex.ª foi ouvido com muita attenção e que o seu discurso foi deveras notavel.»

Dando os parabens ao nosso presado amigo e distinctissimo collega, damol-os igualmente a esta terra que o viu nascer e a Ovar que o escolheu para seu representante no parlamento.

O CAMINHO DE FERRO DO VALLE DO VOUGA

I

Ha muitos annos, que se falla no caminho de ferro do *Valle do Vouga*. Muito ácerca d'elle se tem escripto e muitos estudos se tem feito. Hoje por todos os paizes, sejam quaes forem os seus governos, estão reconhecidas as grandes vantagens da viação accelerada. Em Portugal tem ella tomado algum desenvolvimento, e não póde negar-se, que, geralmente, as localidades por onde passa o caminho de ferro, teem progredido mais ou menos.

Quando se construiu o caminho de ferro do Porto a Lisboa, não faltou quem dissesse, que só lucrariam com isso aquellas duas cidades, por serem os *terminos* da linha.

Houve quem dissesse, que muitos prejuizos teria a companhia constructora, porque não tiraria mais que um pequeno juro do capital, empregado n'aquella construcção, e que esse pequeno lucro talvez não chegasse para as despezas com empregados, reparos, materiaes e outras.

*

Quando se decidiu, que por Aveiro passasse o caminho de ferro, não faltou quem dissesse, que muito prejuizo soffreriam com isso a companhia e o paiz.

E, para que tal asserção se acreditasse, havia muitas pessoas, que apresentavam, alem de outros, estes argumentos especiosos: que, para o caminho de ferro passar em Aveiro, seria mister fazer uma grande curva, como na realidade faz desde a estação de Mogofores até á de Estarreja; que o traçado, seguindo mais pelo nascente seria menos dispendioso, mais curto e mais proveitoso para o commercio e para os povos dos concelhos, que ficam ao nascente d'Aveiro; e que a estação d'esta cidade não daria, á companhia, de rendimento nem para pagar aos empregados respectivos. Quem dizia isto, ou tinha uma grande animadversão a esta cidade, ou desejos de beneficiar outras povoações, ou uma plena ignorancia das condicções da natureza dos terrenos, por onde passaria o caminho de ferro, se elle não passasse em Aveiro. N'isto entrava tambem muito de inveja e não pouco de egoismo.

*

Ha individuos, que assim como não gostam de ver as prosperidades nos outros, tambem não gostam de ver as prosperidades de outras povoações, quando as suas se conservam estacionarias. Egualmente os ha, que desejam unicamente os melhoramentos das suas localidades, sacrificando outras, ou, mesmo sem isso, para que só as d'elles possam figurar e engrandecer-se, e das outras nem ao menos se falle.

E é isto tanto verdade e ha quem tanto cuide que Aveiro é uma terra sem importancia, que, quando se construiu o caminho de ferro do Porto a Lisboa, houve quem se admirasse de ficar em Aveiro uma estação! Houve até alguem que nos dissse, que «ainda que as circumstancias da natureza do terreno obrigassem a vir o caminho de ferro por aqui, não devia haver estação em Aveiro, por que esta cidade não era merecedora de tal vantagem, muito embora o comboyo fosse de Oliveira do Bairro a Estarreja e *vice-versa*, sem ter uma paragem!!»

*

Tambem houve, quem nos affiançasse, que para Aveiro seria uma desgraça o passar por aqui o caminho de ferro. E, para provar esta asserção, dizia, que em breve acabaria esse commercio, bem pouco digno de consideração, que havia n'esta cidade, e que os artistas aveirenses não continuariam a ter que fazer, por que todas as pessoas, aqui residentes, facilmente mandariam fazer as suas roupas ao Porto, a Lisboa, a Coimbra e a outras localidades mais importantes que Aveiro, e facilmente mandariam vir, das mesmas localidades, os moveis, o calçado, os generos alimenticios, os objectos de uso domestico e ainda muitos outros, que longo e escusado fôra enumerar.

II

Abriu-se o caminho de ferro do Porto a Lisboa em julho de 1864 e a experiencia d'ahi a poucos annos veio mostrar que muito se enganavam os que apresentavam aquelles argumentos contra o caminho de ferro que liga aquellas duas cidades.

Este caminho de ferro dá hoje um bom rendimento á *Companhia Real dos Caminhos de ferro Portuguezes* e ao governo, e é de crer, que maior seja esse rendimento no futuro, por isso que elle, de anno para anno, vae augmentando consideravelmente. Para esse augmento muito tem concorrido as novas linhas ferreas, que se tem construido e que tambem vão produzindo optimos resultados para o commercio, para o governo e para as respectivas emprezas.

Convencido d'estas grandes verdades, e apesar do nosso estado financeiro, não deixa o governo de promover a construcção de novos caminhos de ferro e projecta a construcção de uma *rede*, cujos estudos estão confiados a homens de abalisados conhecimentos technicos.

E de crer é, que, pelas razões expostas, a *linha* do Porto a Lisboa possa dar, de anno para anno, maiores lucros e tenha maior movimento, o que não será difficil de provar.

*

Com relação a Aveiro, tambem a experiencia tem demonstrado e continuará a demonstrar, que os que reprovavam, que esta cidade gozasse das vantagens da viação accelarada, ou laboravam n'um erro ou fallavam por inveja, por odio ou por egoismo. Sempre amantes da verdade, não a occultaremos n'esta parte do assumpto, de que estamos tratando.

Nos primeiros quatro ou cinco annos, depois da abertura do caminho de ferro, esteve Aveiro estacionaria e houve quem achasse razão aos que mal agouravam dos resultados da estação d'aqui.

Depois, parece até, que Aveiro caiu n'um certo abatimento ou indifferença, de que, alguem suppunha, não poderia erguer-se.

Talvez para isso concorresse o seguirem-se na pratica muitas theorias, expostas antes da abertura do caminho de ferro. E' possivel, porém, que para isso concorressem, mais que esses motivos, as mesmas causas, que, até certo tempo ainda não muito remoto, concorreram para que toda esta linha férrea não désse nos primeiros annos os resultados, que se esperavam ou se haviam calculado.

Essas causas, além de outras, eram principalmente a falta de estradas e, mais que tudo, a falta de outras vias férreas, que, em communicação com esta, podessem trazer-lhe os productos naturaes e os artefactos dos diversos pontos do interior do paiz, e para estes conduzissem os que pódem despachar-se em todas as estações da mesma linha e com especialidade os productos do nosso litoral.

Continuaremos. O.

DISCIPULO QUE NÃO HONRA O MESTRE

O sr. J., da *Provincia*, ou vive na lua, ou ensandeceu. Ao escrever d'aqui para a folha portuense, o correspondente diz cousas espantosas, taes como:

«que se conserva a mesma agitação contra as irmãs hospitaleiras; que se falla muito em novo comicio; que ha teimosia na mesa em não ceder á opinião *geral*; que ha desconfiança e resistencia no povo contra o clericalismo; que pensam assim os catholicos mais devotos, a quem tem ouvido dizer (?...)—que será o maior inimigo da religião o que mantiver no hospital as mesmas senhoras, a quem o sr. J. intencionalmente chama irmãs da caridade.»

Não ha que ver; fez-se o diabo ermitão. Até aqui deitava os bofes pela boca fora, conclamando, que em Aveiro era *profundo e sincero o odio aos clericaes*. Fazia-se o porta-voz das expansões jacobinas do comicio da praça do Peixe. Agora inculca-se na confidencia dos clericaes, que lhe segredam, que a conservação das irmãs hospitaleiras «pode fomentar uma agitação, que envolva innocentes e culpados, instituições uteis e instituições condemnaveis!»

E Rilhafoles ás moscas, e o sr. J. de braço dado com a demagogia, fazendo-se eco de opiniões, que a opinião geral da cidade condemna, e que nenhum christão convicto da verdadeira doctrina do crucificado pode apoiar, ou sequer desculpar n'um homem que deve pôr acima de tudo a dignidade da sua opinião e do seu nome.

O sr. Arriaga ao despedir-se da *troupe* disse-lhe na noite de 24 de junho:—«Adeus, até ao outro comicio.» Sabia-se por tanto que viria prégar de novo ás turbas, para gloria e proveito dos diversos J. J. que applaudiram ou adheriram á manifestação anti-religiosa e anti-liberal, promovida com o proposito de tyranisar os outros, e de affrontar os que se empenham exclusivamente em administrar um estabelecimento de caridade, que os J. J. de todos os matizes abandonaram ahi á rapinagem, para engorda de porcos e de fornecedores tão escrupulosos como os seus illustres patronos.

E fallam de bom senso e patriotismo os sacripantas, que se alistaram ao serviço dos diffamadores, que já os insultaram a elles, quando os procuravam para os chicotarem á saida da sua propria casa! E depois o desplante com que se escreve:—Se a questão continuar no crescendo em que até agora tem ido, em breve veremos do nosso lado os homens mais dedicados ao clero e á religião!...» Ora é por estas e outras que dissemos já, que o sr. J. vive na lua.

Pois não sabe que anda a assignar-se uma representação pedindo exactamente o contrario da que o sr. J. assignou, e que n'ella figuram já as pessoas mais serias, mais conspicuas da cidade e do concelho? Ignora por certo, que toda a gente honesta e verdadeiramente liberal protesta energicamente contra os energumenos, que vivendo fóra da lei, pedem a expulsão dos que prestam serviços relevantes á humanidade, dos que nas proprias nações republicanas, como a França e os Estados Unidos, desempenham nos hospitaes civis a missão de caridade, a que os republicanos de cá não querem prestar-se, contrariando assim José Estevam no nobre apostolado, com que pretendia substituir a que elle chamava—caridade official?

E' por todas estas considerações que nós dizemos que o sr. J. vive na lua. Primeiro adhere a uma manifestação anti-monarchica, anti-liberal e anti-religiosa, porque o intuito que a congregou e as palavras que a exprimiram foram verdadeiros attentados contra Deus, contra a ordem e contra a liberdade legal. Depois veio o sr. J. para a imprensa prégar o exterminio do partido clerical, dizendo que o comicio «*era um protesto contra o clero, a quem Aveiro votava odio profundo e sincero*». Agora, ao fazermos-lhe vêr que tinha dado raia, o mesmo sr. J. faz nova piroeta, e vae communicar para o Porto, que é «inimigo da religião quem mantiver no hospital as irmãs hospitaleiras!» Vão lá entendel-o. Parece que elle mesmo já não se entende.

A questão ha de resolver-se naturalmente, mas sem insultos ao senso commum, sem agravos para ninguem, e como convém a uma terra civilisada, onde não pode haver perturbações, por mais que se esfalfem os amigos do antigo regimen da misericordia, onde se mantinham bem protegidas as podridões de que por vezes aqui nos temos occupado. Então se verá, se a razão e a consciencia ficam suplantadas pelo esconjuro faccioso, pela calumnia brava, e pela especulação maltrapilha, que mostra do que é capaz até os que se mascaravam em *bons rapazes*, pondo bem a limpo o que ha a esperar de gente d'esta estofa.

Muito bem. Prosigam na crusada da diffamação e da mentira, que para os primeiros ha de vir o castigo, e para os ultimos bastar-lhes-ha o remorso de terem faltado aos deveres de consciencia, calumniando o proximo, e pondo-se ao lado dos que não se importam com a pobreza, e preferem que o nosso hospital civil volte a ser de novo a caverna de Caco.

Bem o tinhamos dito, que o discipulo não honra o mestre.

Alem do mais... mentiroso como um lacaio.

AINDA A QUESTÃO DAS IRMÃS HOSPITALEIRAS

Meus amigos:—Acaba de me dizer o barbeiro cá da terra, que n'essa cidade se está assignando uma representação a favor das *irmãs hospitaleiras* e que já contém um grande numero d'assignaturas. O mestre Zé vem admirado do que por ahi ouviu, e considera essa cidade, a patria dos ovos molles e o reino dos mexilhões como uma verdadeira Cafraria, taes foram os disparates e as ameaças infames que ouviu na loja d'um seu collega. Com que então já por lá se ameaça com a revolta, se as pobres e infelizes senhoras não fizerem ablativo de viagem?! Eim? A que tempo chegaram os taes republiqueiros?!... Como elles comprehendem a republica, e come se tornam os trufões das praças publicas!

O que faz a ignorancia! O que pódem os rancores pessoaes, e até onde nos leva a paixão partidaria!

O meu mestre barbeiro, homem instruido e sabichão como qualquer rabula, vem boquiaberto de tantos disparates que ouviu, e tirou a conclusão seguinte: O mundo está perdido. Esta phrase apanhou elle a dente ao parocho da freguezia, que—ás vezes,—é o seu espirito santo d'orelha.

Ora eu não julgo o mundo perdido como os pessimistas, nem o melhor dos mundos possiveis, como o doutor Pangloss. Este mundo, o Cosmos—não é mais nem menos que um verdadeiro panorama, ou diaphanorama, e nada mais. Não o chamo theatro, porque a comedia humana não tem ainda os fóros d'outrar n'um palco tão vasto como o d'este mundo; e mesmo porque a phrase já é sediça.

O que eu desejo é conversar com os liberalões dos republiqueiros, e perguntar-lhes muito cavalheirosamente — o que chamam elles republica?

Respondam-me, mas como deve responder todo o homem que se présa, e não com insultos torpes e grosseiros, que enxovalham mais quem os dirige, do que quem os recebe; e sendo eu delicadissimo na pergunta, tenho egual direito na resposta.

E' provavel que me não respondam, porque não podiam responder no mesmo tom em que faço a pergunta. Sim, porque ha individuos acostumados a uma linguagem baixa e chula que até se envergonham de ser bem educados, isto em tudo e por tudo. Tanto faz, escrevendo n'um jornal, como n'um jantar ou banquete. A grosseria é a carta de recommendação de todos os que se arvoraram em paladinos da republica.

Compare o publico o que nós temos escripto n'este jornal com respeito ás *irmãs hospitaleiras* com o que elles tem escripto? Ora se elles tivessem bom senso, deviam conhecer, que não é pelo insulto que se criam proselytos; e que a natureza humana propensa sempre para acceitar o descredito do visinho, chega a um tempo que faz justiça por suas mãos e desanca sem dó nem piedade os malandros da honra alheia; e isto por um principio natural: a paciencia tem limites.

Desancal-os, não; mas uma dóze de Cod. Penal com uma mistura de Limoeiro ou outra cadeia publica é um remedio salutar que os faz callar muito calladinhos.

Vide Gomes Leal, e outros.

Mas, caros amigos, deixe-me conversar com esses republiqueiros de má morte a respeito da republica.

Vamos á historia, se é que elles sabem o que é historia patria ou geral. Vamos á republica romana, e antes de mais nada, dir-lhe-hemos que antes d'essa republica, tivemos a invasão dos Wisigodos, dos Vandalos, dos Ostrogodos, dos Hunos, e ultimamente dos Arabes. Ora as invasões dos povos barbaros que vieram do Oriente para a peninsula iberica, tinham por principio a conquista com todos os seus horrores, mas nunca levantaram pasquins nas praças publicas, nem iam para os estabelecimentos commerciaes desacreditar os seus conquistados. Traziam comsigo os horrores da guerra, mas tinham a dignidade dos homens do bem.

Eu, meus amigos, admitto a guerra, e até acredito no dito do celebre general Moltke—a guerra é um mal necessario; mas não admitto o insulto por mais pequeno que seja. Essa arma pertence só aos canalhas.

Os invasores dos povos do norte com todos os seus horrores, eram ao mesmo tempo uns homens de bem; e no nosso seculo, o grande Napoleão I, o primeiro conquistador do seu seculo, nunca consentiu que se insultassem os seus inimigos.

As conquistas se tiveram por principio o roubo, trouxeram comsigo as muitas riquezas, e a Peninsula-iberica deve á invazão dos barbaros as suas enormes riquezas; assim como a republica romana trouxe o principio da liberdade não só ás provincias romanas mas a toda a Grecia; mas essa republica não era a que hoje por ahi se apréga, nem a que se tem admittido na Europa desde 1793. Faz muita e muita differença.

A republica romana era a fórma d'um governo justo e liberal. Não se plantou á custa do sangue de milhares de victimas, mas sim pelo meio da palavra e das evoluções sociaes d'aquelles tempos.

A França não o entendeu assim, e d'ahi nos veio todo o mal que estamos sentindo; porque, se a França è a capital do mundo civilisado, nem por isso deixa de ser o foco de toda a desmoralisação social; e pena é que a par de Lesseps, de Victor Hugo, de Thiers, de Lamartine, se encontrem esses fantasmas que foram os iniciadores da communa, do socialismo e do anarchismo, derramando as suas ideias prevertidas em toda a Europa que se vê a braços com uma lucta tremenda entre o capital e o trabalho.

A republica, pois, como a entendem os povos da raça latina, e muito principalmente os d'essa cidade, é a fonte de receita dos jornalecos por meio do insulto. Ideias não as tem, porque o seu encephalo é d'uma tenuidade imprescriptivel. Principios, desconhecem-nos. Theorias, não as comprehendem. Tem a logica de virago-avinhada, que se funda apenas no insulto e no descredito.

Ora em quanto a republica portugueza se fundar n'estes alicerces, só temos a temer que aquellas cabeças dêem por as paredes, e nada mais.

Nada temos a receiar dos paspalhões, o aos seus doestos e ameaças temos á responder-lhes: que o Cod. Penal não é letra morta n'este paiz.

Meus amigos: Se a minha assignatura vale alguma cousa, contem com ella a favor das pobres mulheres.

Velho e caduco como estou, posso ainda escrever o meu nome em abono da caridade; e honra aos meus amigos que teem tratado esta questão com toda a hombridade.

Até breve.

Algares do districto, 5 de julho de 1888.

Y.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Foram de viligiatura: Para Coimbra, as ex.mas sr.as D. Amelia Rebocho Freire d'Andrade e Albuquerque (Santo Antonio), D. Adelaide e D. Victoria de Sá Couto Brandão; para Anadia, D. Elvira de Vilhena; para Vidago, o sr. dr. Eugenio da Costa e Almeida.

— Regressou a esta cidade apoz alguns mezes de ausencia, a ex.ma sr.ª D. Maria Ismenia d'Almeida Taveira Jones. S. ex.ª veio completamente restabelecida, o que sinceramente estimamos.

— Partiu para as Caldas da Rainha em companhia de sua ex.ma sobrinha, a ex.ma sr.ª D. Maria José d'Almeida Azevedo Pinto Basto, esposa respeitabilissima do sr. Gustavo F. Pinto Basto, o revd.º prior d'Alquerubim, sr. Antonio Emilio Pereira d'Azevedo.

— Já regressou da sua casa de Barcellos ao seu sollar de Santar o sr. D. Ruy Lopes de Sousa Alvim.

Estada.— Está actualmente nas Pedras Salgadas e demora-se alli até 20 do corrente, o nosso muito presado amigo o sr. Antonio de Souza Castellino Alvim, um dos cavalheiros mais justamente considerados de Ourem. Que s. ex.ª regrésse á sua casa completamente restabelecido é o nosso mais vehemente desejo.

Pic-nic.—Houve-o no dia 3, no pittoresco sitio da Ponte da Rata, como já noticiámos, a que assistiram o exm.º deputado sr. Francisco de Castro Mattoso e seus filhos, o sr. Eça Leal e sua ex.ma familia, o sr. Barros Lima e sua ex.ma familia, o sr. Fernandes Thomaz e sua ex.ma esposa; apparecendo tambem mais tarde no mesmo local o sr. Cazimiro de Menezes e sua ex.ma esposa.

Este ultimo cavalheiro foi alli conferenciar com o sr. deputado Francisco de Castro sobre a construcção das duas pontes, sobre o Vouga, nos locaes de S. João de Loure, e Pardos d'Alquerubim, obras de incontestavel vantagem commercial e agricola, e que estão em via de realisação, devido aos muitos esforços e boa vontade que este illustre deputado tem de ser util ao districto d'Aveiro em particular, e ao paiz em geral.

Honra pois ao illustre representante do povo que, conseguindo aquelles melhoramentos, tornará inolvidavel o seu nome. Tambem cabem muitos louvores ao illustre deputado por Ovar, sr. dr. Barbosa de Magalhães, que auxilia quanto pode aquelle cavalheiro, para a realisação de tão importantes obras. Não menos louvores cabem ao sr. Emygdio Navarro, um dos primeiros ministros que tem apparecido no ministerio das obras publicas para a construcção de estradas e mais obras de viação, que tudo se destina ao desenvolvimento da primeira riqueza do paiz. Cabem muitos louvores a este por acceder ao pedido d'aquelles cavalheiros.

* * *

Aos engranzadores de avelorios.—Para que o povo esteja prevenido contra os que por ahi andam a azoinal-o, fallando-lhe contra as irmãs hospitaleiras, transcrevemos do *Commercio de Portugal*, folha de Lisboa, a seguinte noticia, que vem de molde para o caso d'Aveiro, e que segue sem mais preambulos:

«Partem hoje para Loanda onde vão servir no hospital *D. Maria Pia*, mais duas irmãs hospitaleiras. Estas respeitaveis sr.as teem prestado relevantes serviços n'aquelle hospital, cujo regimen interno lograram modificar completamente pela sua evangelica dedicação e pela sua inexcedivel caridade. D'antes os doentes entregues a enfermeiros, nem sempre carinhosos e sollicitos, muitas vezes deixaram de ser bem tratados. Hoje, o asseio irreprehensivel, o cuidado escrupuloso, a attenção e delicadeza, melhoraram sensivelmente as condições dos desditosos doentes, que encontram nas irmãs hospitaleiras os extremos das suas familias ausentes e distantes. O hospital de Loanda é hoje uma casa hospitalar modêlo, *em toda a parte do mundo*, e se deve muito á esclarecida sollicitude do dr. Ramada Curto, seu director zelosissimo, não deve menos ás irmãs hospitaleiras. Que Deus abençoe a sua obra.»

Diz isto um dos jornaes mais sérios e por tanto dos mais auctorisados do paiz.

Em Aveiro um punhado de intransigentes, a quem o partido liberal monarchico tolera, não quer no nosso hospital civil as irmãs hospitaleiras—não obstante os relevantissimos serviços que ellas estão prestando aos enfermos que se acham n'aquella casa de caridade.

Já se vê que por capricho, por acinte e por maldade, pouco se importam os intransigentes com que sejam bem ou mal tratados os que alli entram, e cujo numero sóbe a 400 por anno. E na propaganda do mal se suja papel, descompondo os que não são da mesma opinião!

Felizmente que a grande maioria da nossa população é contraria a estas manifestações, o que prova que são em grande numero os que honram Deus, a patria e a liberdade.

Contraste.—Acaba de ser agraciada com a Legião d'Honra uma irmã da caridade pelos serviços prestados na Cochinchina. Em quanto o presidente da republica franceza as condecora, os *republiqueiros* d'Aveiro insultam-n'as... Simplesmente torpe.

Corpus-Christi.—A'manhã no templo parochial da Senhora da Gloria, que se acha vistosamente engalanado, realisa-se a pomposa festividade do Corpo de Deus, com missa solemne, acompanhada a grande orchestra, e sermão pela revd.º prior de Ribeira de Fraguas — orador muito consciencioso e illustrado, e por isso digno de ser ouvido. De tarde tem logar o sahimento da procissão, que costuma ser muito concorrida e decente.

Festa a Santo Antonio.—No dia 1 do corrente teve logar na capella de Calvães d'Alquerubim a festa a Santo Antonio, feita pelos mordomos devotos. Assistiu a philarmonica de Fermentellos, e foi prégador o sr. padre professor nas Talhadas. Houve na vespera o costumado *entremez* a que assistiu muito povo.

Festa a S. Pedro.—A'manhã ha de ter logar na sua capella de Paus d'Alquerubim, que é situada no pittoresco local das Soengas, a festa ao virtuoso discipulo de Jesus Christo, ao chaveiro das portas do Ceu. Assiste a philarmonica de S. João de Loure.

Festejos em Vizeu.—O governo mandou fazer o projecto da avenida de ligação directa do centro da cidade á estação do caminho de ferro. Esta noticia, que é d'alta importancia para Vizeu, foi alli recebida com muzica e foguetes, com a mais solemne espansão de contentamento, havendo freneticos vivas ao governo, ao partido progressista e ao sr. ministro das obras publicas.

Junta de inspecção militar.—*Concelho d'Oliveira de Azemeis.*—No dia 30 de julho deve ter logar a inspecção dos mancebos das freguezias de Fajões e Pinheiro; no dia 1 d'agosto os de Cucujães; no dia 2 os de Nogueira do Cravo; no dia 3 os de Carregosa, Cezár e Macieira de Sarnes; no dia 4 os de Palmaz, Ossella e Macinhata da Seixa; no dia 6 os de S. João da Madeira; no dia 7 os de S. Roque; no dia 8 os de Loureiro; no dia 9 os de Travanca; no dia 10 os de Pindello e S. Thiago de Riba Ul; no dia 11 os de Ul; no dia 13 os de S. Martinho da Gandara e Madail; e no dia 14 os da freguezia d'Oliveira d'Azemeis.

Concelho de Sever do Vouga.—No dia 16 d'agosto os mancebos das freguezias de Couto de Esteves e Talhadas; no dia 17 os de Cedrim, Roccas e Pecegueiro; no dia 18 os de Silva Escura e Paradella; e no dia 20 os da freguezia de Sever.

Concelho da Feira.—No dia 20 de agosto os mancebos da freguezia de Romariz; no dia 21 os d'Anta; no dia 22 os de Riomeão; no dia 23 os de Argoncilhe; no dia 24 os de Lobão; no dia 25 os de Fiães; no dia 27 os de Canedo; no dia 28 os d'Arrifana e Escapães; no dia 29 os da freguezia da Feira; no dia 30 os de Espargo, Fornos e Gião; no dia 31 os de Lourosa e Milheirós de Poiares; no dia 1 de setembro os de Guizande, Lamas e Lever; no dia 3 os de Mosteiró e Nogueira da Regedoura; no dia 4 os de Mozellos e Paços de Brandão; no dia 5 os de Olleiros e Paramos; no dia 6 os de S. João de Vêr; no dia 7 os de Pigeiros e Souto; no dia 8 os de Sanfins, Silvalde e Valle; no dia 10 os de Sanguedo, S. Jorge e Villa Maior; e no dia 11 os de Travanca.

Aviso.—Recebemos a seguinte communicação, para a qual chamamos a attenção dos interessados.

—

O Recebedor da comarca d'Aveiro faz publico, que se acha em cobrança á bocca do cofre por todo o mez de julho a 3.ª prestação das contribuições predial e industrial de 1887.

Aveiro 30 de junho de 1888.

Agressão barbara.—De Castro Daire acabamos de receber a seguinte noticia:

«O sr. D. Antonio de Faro e Noronha está a estas horas moribundo ou talvez já morto, victima d'um violento e traiçoeiro golpe de machado. O sr. D. Antonio teve uma pequena questão com um individuo d'aquella localidade a quem, tanto elle como sua familia, protegiam muito. Aquelle sujeito parece que se portou menos delicadamente para com o seu protector, recebendo d'este um correctivo.

Sem deixar perceber os seus intentos, o malvado foi a casa e armando-se d'um machado vibrou inesperadamente um profundo golpe sobre a cabeça d'aquelle cavalheiro, que cahiu logo exanime.

A' hora em que veiu a contristadora noticia, o aggradido dava ainda uns ligeiros signaes de vida.»

Invasão. — Esta cidade foi invadida na manhã de domingo ultimo por uma quantidade espantosa de formigas com azas e de enormes mosquitos, principalmente para os lados do jardim de Santo Antonio.

Mar bravo.—Desde segunda-feira que o mar é bravo, não tendo por isso havido n'elle trabalho de pesca. Continua a ir mal por conseguinte para esta industria.

Falta de pesca.—Ha falta de pesca no mercado. Nem fresca nem salgada aparece alli com abundancia, e isso produz uma falta notavel na alimentação publica e por conseguinte um excesso de despeza na economia particular das familias.

Despachos de justiça.—Verificaram-se os seguintes:

Manuel Antonio Vieira Xavier, juiz de direito transferido de Ovar para Tavira, onde não tomou posse, collocado no quadro sem exercicio, mas com vencimento.

Manuel Augusto Pereira, idem no quadro sem exercicio, nomeado para Tavira.

Fernando Henriques da Costa Loureiro Toscano, idem de Santa Combadão, declarado nos termos de receber o terço mais do ordenado desde 21 de janeiro ultimo.

João Correia Esteves Leal, idem de Satam, promovido á 2.ª classe e nomeado para Arganil.

Exonerado do logar de sub-delegado na comarca d'Elvas, Adelino Barreto de Carvalho e do de Figueira de Castello Rodrigo Pedro Augusto Pereira de Castro.

Nomeado para o julgado municipal do Alandroal, o juiz João Martins da Silva Marques; substitutos, José Romão Caeiro e Manuel Ignacio Bello; sub-delegado, Augusto Cesar da Fonseca, e escrivão Antonio Maria Simões.

Exonerados, Francisco Augusto Martins Vicente do logar de sub-delegado do julgado municipal de villa Nova de Cerveira, Manuel Rodrigues Vianna, do cargo de 2.º substituto do juizo ordinario do julgado d'Espozende, e Antonio Hilario Nobre, do escrivão de direito de Santhiago de Cacem, e nomeado Jacintho Several Rodrigues.

José Fumaga, exonerado do logar de director provisorio da cadeia civil do Porto.

Despachos administrativos. — Fizeram-se os seguintes:

Auctorisada a meza administrativa da Ordem Terceira de S. Francisco de Torres Vedras a applicar a despezas correntes o legado de 300$000 réis com que foi contemplada aquella irmandade no testamento com que falleceu Affonso Carreira de Frias.

Auctorisada a meza administrativa da Santa Casa da Misericordia de Roguengos de Monsaraz a acceitar um legado de propriedade immovel, com que foi contemplado aquelle estabelecimento, no testamento com que falleceu Manuel Augusto Mendes Papança.

Auctorisada a commissão administrativa do asylo de Menticidade de Coimbra á alienar a quantia de 4:800$000 réis de titulos de divida publica portugueza, afim de com o seu producto pagar a quantia de 2:970$000 que deve á Companhia do Credito Predial,

Exposição de bellas artes, em Braga.—No principio do inverno haverá uma exposição de desenhos de todo o genero, nos salões do Atheneu Commercial de Braga. Serão admittidos trabalhos nacionaes sómente—quadros a oleo, aguarellas, claro escuro, gravuras, etc.

Exportação de cerejas.—E' do *Conimbricense* a seguinte noticia:

«Não se suppõe facilmente a exportação que se tem feito de cerejas ha um mez, d'esta cidade para Lisboa. Os agentes d'este negocio em Coimbra são 8. Começou a exportação em 1 de junho, e tem regulado, termo medio, no valor de 500$000 réis cada dia! Os logares d'onde tem vindo as cerejas são Torres, S. Fructuoso, Carvalhosas, Canas, Chãs e Semido. Apesar da extraordinaria abundancia que n'este anno ha de cerejas, como é pequena a amostra das outras qualidades de fructa, o preço das cerejas em Lisboa tem sido bastante remunerador para os que contractam n'este genero. Antes de haver caminho de ferro, quem é que comia em Lisboa cerejas idas de Coimbra?

Prohibição.—Acaba de ser prohibida no rio Ave a pesca por meio de redes d'arrastar.

Correio da moda.—Da *Moda Illustrada*, excellente jornal das familias, de que é editor o sr. David Corazzi, extractamos o seguinte:

«Em se chegando a estes mezes, é em Lisbea uma verdadeira debandada. Todos pensam em se tirar da cidade, onde o calor incommoda, e irem procurar no campo dias agradaveis. Cintra, as Caldas, o Minho, todos esses sitios cheios de verdura e encanto, em que tanto abunda o nosso Portugal, se enchem de elegantes mostrando as suas novas *toilettes*. Os trajes de foulard, *voile*, musselina e percal, ostentam as suas côres claras e brilhantes, porque são as que este anno estão mais em voga.

O vermelho, que ha annos era exclusivo dos trajes para creanças, é presentemente muito usado pelas meninas e senhoras novas. Encontra-se em todos os tecidos, sempre um pouco misfurado com outra côr, quer esta seja applicada em riscas, quer em salpicos ou em barras.

E' o creme, sem duvida, que melhor se allia ao vermelho, quebrando-lhe, por assim dizer, um pouco o vivo da côr. Estes vestidos, como são destinados ao campo, fazem-se muito simples, com grandes buses-poloneses, franzidas ou pregueadas no corpo, e apenas presos os apanhados com alguns laços de fita. N'outros, um pouco de velludo preto em golla e punhos fórma toda a guarnição. Os chapéus de palha com aba direita, enfeitados com mantas de gaze e largas laçadas de fita, completam estes bonitos trajes, com que é difficil ser feia e parecer mal, havendo a ventura de se ter de 15 a 20 annos.

As *toilettes* para viagem pouco differem das do anno passado. Usam-se mais as redingotes do que as grandes visites, e achamos que se ganha em commodidade com esta mudança. E' uma difficuldade subir para um wagon com uma d'estas capas de mangas visites, que cingem os braços; logo que estes se levantam, as mangas fogem do seu lugar. E' o que não acontece com as redingotes. Estas deixam os braços livres, e ainda que tenham romeira, como é solta adiante, não tolhe os movimentos. Os quartos da frente podem-se fazer largos na cintura, ajustando quando se quer com uma fita ou coz, que, partindo de debaixo dos braços, vai rematar na frente. D'este modo, estando a redingote fechada, póde-se alargar o fato durante as horas da noute ou do calor, O foulard, a seda de Shangai ou a surah, substituem agora os tecidos de lã, que d'antes formavam as capas para viagem. E' um pouco mais caro, é verdade, mas mil vezes mais bonito e agradavel. Por muito leve que seja uma capa de lã, sempre incommoda n'um dia de calor, emquanto que a capa de seda, fina e macia, quasi que se não sente.

Para as pequenas viagens não se usam as capas, mas sim trajes de lã leve, em que o *gris* em tons se prefere ás outras côres. O nosso jornal tem dado os modêlos para estas *toilettes*, as quaes são sempre de grande simplicidade, feitas no genero *tailleur* (alfaiate), saias á ingleza, apenas enfeitadas com galões ou soutaches, e pequenos casacos muitos lisos deixando vêr o corpo do mesmo vestido ou um collete de côr. Muitas das nossas assignantes nos consultam ácerca dos trajes para creanças. São respostas difficeis de dar, pelo muito que variam os fatos, segundo a idade.

No verão achamos preferiveis os vestidos de linho, andrinopla vermelha ou percal, a todos os tecidos mais caros, mas que não téem a grande vantagem de se poderem lavar. Até aos 3 ou 4 annos, os vestidos brancos com bordados são, não só os mais bonitos, como tambem os mais economicos. Um vestido que se lava e engomma está sempre bom é preferivel de certo a todos os outros, que á primeira lavagem perdem toda a belleza. Um traje tambem muito elegante e commodo é a saia de *voile* ou crepon em prêgas, presa a um jersey. Nada mais simples e que melhor fique ás creanças de 5 a 9 annos. O jersey sendo elastico modela-lhes perfeitamente o corpo, deixando-lhes os movimentos livres.

Como as saias se compõem apenas de um folho direito em prégas, póde-se com tres ou quatro saias diversas, applicando-as ao mesmo jersey, formar differentes *toilettes*.

Quanto aos chapéus para creanças, usam-se grandes e de variados feitios. Uns são grandes capotas ao Directorio, outros redondos, como a aba direita, ou levantada de um lado, outros emfim chamados «telhas» com a aba muito avançada. A's plumas e flores que algumas modistas lhes applicam, achamos muito preferivel, e ficam mais elegantes, enfeitados unicamente com laços de fita.—*Elvira Gorjão.*»

Modas para homens.—Da correspondencia de Pariz para o *Elegante*, jornal de modas para homens, extrahimos os seguintes periodos:

«Relativamente a modas de verão, ninguem ignora que ellas se estreiam em Pariz no dia do *Grand prix*, como d'antes se estreiavam em Lisboa no dia da procissão do Corpo de Deus.

Os vestuarios para homem, e mesmo para senhora, tendem a uma pronunciada simplicidade que não exclue a elegancia. Em occasiões de calor especialmente, as sobrecasacas e os fraques de visita como o accessorio do chapéu alto são substituidos por commodos *vestons* muito abertos e por chapéus baixos de feltro de côr.

A nota predominante na presente estação é das bandas abertas, deixando vêr parte do peitilho da camisa. As bandas curtas só se adoptam nas sobrecasacas direitas e nos fraques de phantasia, e ainda assim estas mesmas duas peças de vestuario tambem se fazem muitas vezes pouco fechadas na frente. A' excepção das sobrecasacas e dos fraques para visita que se usam de pannos escuros, todas as outras sobrecasacas, fraques e *vestons* se cortam em tecidos de phantasia, estando muito na voga para passeio a sobrecasaca de côr com chapéu branco.

As calças apresentam-se folgadas na coxa, porém terminando muito justas sobre o peito do pé. Tornam a vêr-se algumas calças de cotim de linho de tons pouco claros; entretanto as casimiras leves não perdem a sua importancia.

Nos coletes é que os tecidos de linho estão sendo preferidos ás fazendas de lá e de seda que se empregaram na primavera. Estes coletes de linho não téem gola nem rebuço, que é para não perderem a graça do córte quando sejam mandados a lavar.

Emquanto á fórma das sobrecasacas assertoadas e dos sobretudos direitos de meia estação, não ha differença a notar, e o mesmo se póde garantir com referencia ao trajo de casaca para reunião ou actos de ceremonia.»

Acompanhando o Viatico.—Os jornaes de Madrid contam com grandes e justos elogios mais um acto piedoso de S. M. a rainha regente das Hespanhas.

Na quarta-feira, 27 ás 7 horas e um quarto da tarde, a rainha D. Christina com as suas filhinhas passava em *landau* aberto, sem escolta nem batedorer pelas Portas do Sol.

N'esse mesmo momento sahia o Viatico de uma casa contigua ao café de Levante.

Apenas viu o Viatico, sua magestade mandou parar a carruagem, apeou-se, fez com que o sacerdote que levava o Santissimo subisse para o seu *landau*, e seguiu a pé atraz da carruagem, levando suas filhas pela mão, até á egreja onde recolhia o Viatico.

Como é de prever, sua magestade foi acompanhada por uma enorme multidão de povo, que a cada momento a acclamava ruidosa e enthusiasticamente

Uma sr.ª assassinada e queimada em Madrid.—Na noite de 2 do corrente commetteu-se um horrivel crime, no 2.º andar, esquerdo, da casa n.º 109 da rua de Fuencarral, d'aquella cidade. O crime, revestido de tragicas circumstancias, tem causado viva impressão em Madrid. Vamos referil-o:

Pelas duas e meia horas da madrugada, a creada da referida habitação chegou á janella da cosinha, que dá para um pateo, gritando:

— Soccorro!... Fogo.

Os visinhos alarmados em extremo, appareceram ás janellas e notaram que no quarto d'onde tinham saido os gritos havia luz, que logo apagaram, reinando o mais absoluto silencio. De todas as janellas só se ouvia: fogo! soccorro! No emtanto, na rua tinham-se reunido o *sereno*, inspector de policia, guarda de segurança, o juiz, inspecção de vigilancia, os inquilinos dos predios visinhos, a fim de avaliarem a grandeza do sinistro. Na escada uma enorme fumarada, que sahia pelas gretas do quarto do 2.º andar. Dirigiram-se todos para ali, batendo repetida e fortemente á porta, porém, embalde: ninguem respondia. Tiveram de a arrombar. Franqueada a entrada aos guardas, de sabre em punho, adiantaram-se, emquanto os inquilinos diziam:

— Guardas, muito cuidado, que na casa ha um cão muito perigoso.

Os guardas penetraram por um corredor muito estreito, cheio de fumo, que terminava n'uma sala. *D'esta passaram* a um gabinete no qual havia uma alcova com uma cama. Ao entrarem no gabinete ficaram todos horrorisados ante o terrivel espectaculo que se offereceu á sua vista.

No gabinete, perto da porta da alcova, achava-se estendida no soalho, uma mulher com as roupas completamente queimadas. Alli o fumo era tão denso, e havia um cheiro tão nauseabundo que havia receios de asphixia, tendo de se abrir todas as janellas. Os visinhos apagaram o fogo que ardia ainda nas roupas da mulher carbonisada, e que quando a morte a surprehendeu, d'um modo tão horrivel, só tinha tirado as botas e as meias. Nos seus tostados braços brilhava o ouro e as pedrarias de uns braceletes, e nos dedos varios anneis destacavam seus fulgores no fundo negro da carne que os segurava. Os medicos confirmaram que a infeliz estava já morta.

Perto da morta, havia um lenço d'assoar e differentes trapos manchados de sangue. No meio da casa estava uma lamparina apagada posta no chão. A cama apresenta signaes evidentes de não ter sido occupada. O fogo não chegou á cama, nem aos restantes moveis.

Um facultativo reconheceu o cadaver.

Do exame resultou que o cadaver tinha 7 feridas profundas no peito e no abdomen. Uma d'ellas na costella esquerda, perto do coração, que talvez fosse a que produzisse a morte á desgraçada mulher.

Suspeita-se que depois de ser assassinada, o criminoso ou criminosos, apagaram a lamparina que alumiava o quarto, untaram com petroleo as roupas do cadaver e lançaram-lhe o fogo para occultarem d'esse modo os signaes das feridas. As feridas foram feitas com um punhal ou estoque, pois a sua profundidade era grande e a largura pequena. Na casa não encontraram nenhuma arma.

A senhora morta, de cincoenta e seis annos, chamava-se D. Luciana Barano Varela Vasques, era viuva e italiana.

Com a desgraçada senhora, vivia uma creada, Hygina Balaguer, de 28 annos, solteira que foi encontrada na cosinha junto da janella estendida no chão, tendo a seu lado um grande cão de caça. Todos a julgavam morta, porém estava viva e bem viva.

Parece que Hygina teve um amante com quem viveu dez annos, porém desde ha pouco tempo estavam separados. Interrogada sobre o secedido respondeu com subtufurgios, dizendo que não sabia nada.

Disse, que ás 11 horas da noite passada bateram á porta e quando ia abrir, lhe appareceu a senhora, dizendo-lhe que se fosse deitar que ella abriria a porta, por saber quem batia. Viu que a senhora abrira a porta e que entrara um joven, o sr. N... que com sua ama se dirigira para a sala. Depois, nada mais sabia, nada mais podia dizer. Que viu um homem, que se assustou, temendo que houvesse fogo na casa, que pedira soccorro e... nada mais. Declarou porém que se lhe apresentassem o referido cavalheiro o reconheceria.

Tendo recahido sobre ella todas as suspeitas, e tendo-se-lhe encontrado em seu poder a chave do quarto, foi levada em prisão. Ia vestida de preto, levando debaixo do braço um embrulho de roupa.

Dizia-se que ás duas horas da tarde do dia antecedente, se tinha apresentado em casa um cavalheiro para fallar com a senhora e que, emquanto fallavam a creada foi passear, e á volta ainda os encontrou conversando, tendo-lhe depois servido a ceia.

Tambem se dizia que na noite d'esse dia, o porteiro tinha entregue uma carta á senhora.

O juiz procedeu a um rigoroso inquerito na casa. Os moveis estavam intactos. N'um armario um sacco com dinheiro. A casa tem historia; n'ella se tinham commettido bastantes crimes. O quarto que a victima occupava era rico. No gabinete em que se commetteu o crime, havia o retrato de um rapazito de oito annos, com o uniforme de guarda marinha. Este era filho da victima, D. Fernando Varela. Depois do respectivo arrolamento o juiz fez sellar todos os quartos.

Pormenores.—Hygina Balaguez foi tomada como creada sem ter dado referencias das casas onde tinha servido e com a cedula de vacinidade falsa, circumstancia esta que era conhecida pela dona da casa.

A viuva tinha uma fortuna regular e além d'isso administrava a tutoria do seu filho. Não se póde ainda acertar qual fosse o mobil do crime. Não parece ter sido o roubo, porque o dinheiro e as joias appareceram intactas. O cadaver da infeliz Varela foi conduzido ao deposito judicial, onde se lhe fez a autopsia. Os medicos declararam não restar duvida alguma do assassinato, e entre varias feridas que tinha no peito, uma era tão profunda que lhe atravessou o coração. Parece que o criminoso ou criminosos, para apagarem os vestigios do crime, accumularam varias roupas sobre o corpo da victima e largaram-lhe fogo, produzindo no cadaver extensas queimaduras no peito, na cabeça, no ventre e nas pernas. A porta da entrada do quarto estava fechada com um fecho, segundo uns, por isso cedeu facilmente, e segundo outros, estava fechada á chave. A pessoa que esteve em casa da victima era muito familiar do cão, pois este não ladrou nem á entrada nem á sahida.

Antecedentes.—Ha dois annos, n'uma casa da rua do Barquillo, houvera um sangrento drama entre D. Luciana Barcino Varela e seu filho D. Fernando. Dizia-se que o filho pedindo dinheiro a sua mãe para comprar um cavallo, que ella lh'o negara, fazendo-lhe elle uma ferida com uma navalha.

A mãe, sendo interrogada pelas auctoridades, não quiz dizer o nome do aggressor, declarando que se ferira com um vidro. Facto algum viera depois recordar o desgraçado incidente.

A senhora vivia habitualmente com seu filho, e uma creada, tendo para sua segurança pessoal um buldog muito bravo, quasi uma fera.

A viuva tinha costumes exquisitos. Ora se vestia elegantemente, ora trajava como a mulher mais modesta.

Outro tanto succedia com as damas da sua casa. O quarto de dormir e a sala eram mobilados luxuosamente, não succedia porém, o mesmo ao resto das casas onde faltavam moveis e as coisas mais insignificantes.

Dizem pessoas que a visitavam, ser uma mulher verdadeiramente desleixada. Era em extremo amicissima do filho, perdoando-lhe todas as injurias e faltas. Entre mãe e filho eram frequentes as scenas de escandalo.

Algumas vezes a visinhança era alvorotada por gritos de soccorro que dava a victima, em frente das ameaças do filho, porém, ella sempre disposta a perdoar, quando acudia algum visinho dizia que tinha sido um pezadello, e que se retirassem em paz.

Estas scenas porém, cessaram ha alguns mezes desde que o filho foi surprehendido a roubar uma capa, sendo preso, e remettido para o carcere-modelo. Estava ainda ali preso quando lhe deram a noticia. Não deu o menor signal de commoção ao saber o fim desgraçado que teve sua mãe.

Ultimas noticias.—O auctor do crime ainda não foi preso. A policia tem continuado nas suas diligencias. A mãe da assassinada está em Vigo e por em quanto ignora o succedido.

A imprensa allemã e Machenzie.—Participam de Berlim em data de 26:

«O *Correio Warschawsky* affirma que Mackenzie não quizera privar o finado imperador da possibilidade de reinar, porque Frederico III assim o desejava no interesse da imperatriz Victoria e por considerações moraes, politicas e práticas, que o impelliam a reinar algum tempo, por pouco que fosse.

A *Gazeta da Allemanha do Norte* confirma a asserção anterior e acrescenta que, dado o caracter do fallecido imperador, elle teria renunciado ao governo do imperio se estivesse plenamente convencido de que a sua doença consistia em um cancro incuravel.

O mesmo jornal qualifica de empirico Mackenzie e accrescenta: «E' evidente que o medico inglez levou a sua ousadia a ponto de querer fazer valer a sua influencia nos destinos da nação allemã, apesar de carecer de importancia para poder realisar tão temeraria empreza.»

Cura curiosa.—Aos medicos.—Vive no logar do Pinheiro, conta um correspondente bracarense, um homem de 80 annos d'edade por nome Manuel Rodrigues, cujo alimento, por falta de meios, é apenas, brôa e caldo. Este homem, sempre saudavel, adoeceu no principio de março d'este anno. A doença consistia em dôres por todo corpo, principalmente na cabeça; tinha fastio e uma tosse tão forte, que por vezes, lhe provocava vomitos violentos. Ao cabo de oito dias notou que tinha um tumor do tamanho de um limão, no baixo ventre, do lado direito, que julgou ser uma *rotura* causada pela violencia da tosse. N'este estado, recebeu a visita d'um amigo que julga entender da arte de Esculapio, o qual tratou de recolher ou reduzir a supposta *rotura*, apezar dos gritos que dava o paciente; depois deitou-lhe azeite de peixe e ligou-o com muitos pannos sobrepostos, recommendando-lhe se conservasse de cama sempre de peito para cima, uns 9 dias. Ao cabo de 5 dias o homem pediu que o desligassem, ou o matassem, porque não podia por mais tempo supportar a posição e as ligaduras!

Desligado, abriu o tumor, que tinha augmentado muito, e d'elle saiu grande quantidade de pus. Passados alguns dias de curativo viam-se por esta chaga os intestinos, e depois de sairem por ali grande quantidade de lombrigas de tamanho descommunal, começaram tambem a sair excrementos!

Uma nora do homem, apezar da sua pobreza, esteve quasi continuamente lavando e limpando não só o pus da ferida como tambem os excrementos que por ella saiam. Parece que em tal caso a morte era certa e inevitavel.

Não aconteceu, porém assim.

A ferida cicatrisou; e ha dois mezes, o homem come, trabalha e vive como se tudo aquillo não fôra nada!!!

A ser verdade, accrescentamos nós, é caso para escrevermos:

E digam os sabios da escriptura...

A sardinha no Mediterraneo.—D'uma communicação de M. Marion, resulta que a sardinha apparece durante todo o anno no golfo de Marselha, mas que a pesca da mesma é mais ou menos importante segundo as estações. Assim, de dezembro a março pescam-se quasi unicamente grandes exemplares do comprimento de 15 a 16 centimetros; os cardumes que continuam affluir em abril, maio, junho, e mesmo em setembro, são sempre compostos de sardinhas grandes; mas, logo desde julho, começam a juntar-se peixes pequenos. Estas sardinhas, medindo apenas seis a sete centimetros, occupam em breve todo o golfo. Em outubro attingem 9 a 10 centimetros. Persistem durante o inverno ao lado das outras, mas em muito menor quantidade.

Em abril e nos primeiros dias de maio, apparecem abundantemente no golfo de Marselha cardumes de *alevins*, peixinhos identicos aos noatos de Nicune, 3 a 4 centimetros de comprimento, e são elles que se tornam, em julho, nas pequenas sardinhas de 6 a 7 centimetros, e que, continuando a crescer rapidamente, attingem quasi o tamanho das adultas em novembro. Estes peixes de anno desenvolvem-se ao lado das grandes sardinhas de 15 a 16 centimetros, que representam uma geração mais antiga.

Finalmente, M. Marion julga poder admittir que a reproducção da sardinha se faz do mez de outubro ao mez de março. Póde ser um pouco mais precoce, segundo os annos ou as regiões, mas, com certeza, não se effectua no verão. São assás importantes estas indicações, que pódem ser utilisadas para uma regulamentação da pesca nas aguas do Mediterraneo. Se a pesca da sardinha não póde ser prohibida durante o mez da desova, ao menos, diz M. Marion, póde impedir-se a destruição dos *alevins*, praticada até hoje sem obstaculos em todo o littoral do sul da França.

Uma tromba d'agua.—Na segunda-feira caiu uma verdadeira tromba d'agua sobre Calais; as lojas, subterraneos, etc., da cidade, foram inundados e em muitos pontos foi preciso que as bombas trabalhassem para os esgotar. A aldeia de Herrelinghem, a 16 kilometros de Calais, foi completamente destruida. Esta povoação, de 60 fogos, está situada n'uma especie de barranco. Muros inteiros foram arrastados á distancia de 100 metros. Um rebanho de 200 carneiros, pertencente ao *maire*, foi completamente arrastado. Um padeiro que ia levar o pão aos freguezes, viu a corrente levar-lhe o carro e o burro. Uma casa foi totalmente submergida. Os habitantes tiveram de escapar a nado: entre elles havia uma pobre mulher que salvou o filho levando-o ás costas. Na maior parte das communas dos arredores as colheitas soffreram muito com a violencia da chuva, e sobretudo com a violencia da pedra, que foi enorme; em algumas partes ficou tudo completamente destruido. Nos Vosges as sementeiras estão perdidas e todos os terrenos ficaram arrassados: arvores enormes, rochedos mesmo, foram arrastados pelas aguas.

EXPROPRIAÇÃO POR ZONAS

É do *Correio da Noite* o seguinte artigo:

«Diz-se no magnifico relatorio que precede o projecto de lei de expropriação por zonas, que o principio de que a utilidade publica póde justificar este systema de expropriação está ha muito reconhecido nos paizes que consideram os grandes melhoramentos materiaes das povoações como uma das principaes condições da vida moderna.

E é facil demonstral-o, como fez o illustre relator da commissão.

Citou primeiro a legislação franceza, porque, sendo a França o notabilissimo paiz onde primeiro se fez a proclamação solemne dos direitos individuaes, é onde tambem deve ser mais respeitado o sagrado direito da propriedade individual.

Pois nem nas constituições francezas de 1791, 1795, 1799 e 1852, em que se admitte a desapropriação por *necessidade publica*, nem nas de 1814, 1830 e 1848, em que é por *utilidade publica* que a expropriação se justifica, encontramos palavra alguma que, aos proprios olhos dos mais meticulosos interpretes, exclua a idéa de se não applicar ao uso publico a propriedade expropriada.

E assim tem sido entendidas pelas leis ordinarias.

Pela lei de 16 de setembro de 1807, abate-se sempre na importancia da indemnisação o valor do beneficio que da expropriação resulta para a parte não expropriada, o que equivale a admittir a expropriação sem indemnisação previa, e a applicar o producto da valorisação dos predios em virtude dos melhoramentos publicos avaliados ao custeio d'esses mesmos melhoramentos, idéa que entre nós se acha expressa, em fórma de recommendação aos louvados, no § 13.º do artigo 27.º da lei de 23 de julho de 1850. E se se concede aos donos de p edios contiguos a parcellas de terreno adquiridas fóra do alinhamento, e não susceptiveis de receber construcções salubres, a preferencia na sua adquirição, se quizerem avançar sobre a rua publica, impõe-se-lhes como pena, em caso de recusa, o serem expropriados para se reverenderem os seus predios reunidos áquellas parcellas. Nem pode dizer-se que isto seja uma medida extrema e excepcional de salubridade publica, pois bastava n'esse caso prohibir as edificações insalubres.

Pela lei de 3 de maio de 1841, art. 50.º, qualquer proprietario pode exigir a expropriação de todo o edificio de que *só é precisa parte*, como tambem se lhe concede no § 6.º do art. 27.º da nossa lei de 23 de julho de 1850; mas muito diversamente do que se dispõe entre nós no § 7.º do mesmo artigo, pode fazer-se, mesmo contra vontade do proprietario, a expropriação de todo o predio que em consequencia de córtes ficar reduzido a um quarto do seu todo, se o proprietario não possuir algum terreno immediatamente contiguo, e se a parcella assim reduzida fôr inferior a dez ares. Aqui temos portanto expressamente auctorisada a expropriação forçada de predios não necessarios ao uso publico, e que portanto serão revendidos a particulares.

A lei de 13 de abril de 1850 decreta a expropriação de todos os predios comprehendidos no perimetro dos trabalhos necessarios para a reconstrucção de bairros insalubres, e a revenda em praça dos terrenos que sobrarem das novas edificações, sem conceder aos seus antigos donos mais do que a indemnisação ordinaria.

O decreto dictatorial de 26 de março de 1852 determina que qualquer expropriação para alargamento, alinhamento ou construcção de ruas de Pariz possa comprehender não só a totalidade dos predios de que só fôr precisa uma parte para as obras, logo que as partes restantes não tenham extensão ou forma que permitta a edificação de casas salubres, mas ainda predios que estejam na sua totalidade fóra do perimetro das obras, logo que a sua acquisição seja necessaria para a suppressão de antigas ruas, julgadas inuteis. D'onde se vê que em França a faculdade de expropriação por zonas, isto é, a expropriação de todos os terrenos e edificios comprehendidos na zona de determinados melhoramentos, e ainda os contiguos comprehendidos n'uma faxa externa, cuja largura se não determina, está consignada em lei geral, regulamentada pelo decreto de 27 de dezembro de 1858.

Na Belgica, onde a constituição de 7 de fevereiro de 1831 diz tambem no artigo 11.º que *ninguem póde ser privado da sua propriedade senão por motivo de utilidade publica, nos casos e pela fórma estabelecidos na lei, e mediante justa indemnisação*; a lei de 15 de novembro de 1867, ampliando a de 1 de julho de 1858, auctorisa o governo, quando se tratar d'um plano de obras destinadas a sanear ou melhorar, no todo ou em parte, um bairro antigo, ou a construir outro novo, a decretar a expropriação de todos os terrenos destinados, não só ás vias de communicação e a outros usos e serviços publicos, mas tambem ás construcções comprehendidas no plano geral dos trabalhos projectados.

N'esse plano geral indicar-se-hão logo as parcellas de terreno destinadas a serem revendidas, ou a receberem as construcções pelo alinhamento das novas ruas ou praças. E, quando muito, concede-se a todos ou á maioria dos donos dos predios comprehendidos no plano geral, a preferencia na execução das obras, se se obrigarem a fazel-as em praso certo e segundo os projectos approvados, Exactamente como se propõe agora entre nós no projecto de lei que está em discussão.

No Brazil, onde o § 22 do art. 179.º da Constituição é precisamente redigido nos mesmos termos do § 21 do art. 145.º da nossa Carta Constitucional, a lei de 9 de setembro de 1826 determina os casos em que, ou por *necessidade* ou por *utilidade* publica, provincial ou municipal, póde ter logar a expropriação. E como essa lei geral não satisfazia ás necessidades do crescente desenvolvimento do Rio de Janeiro, pela resolução da assembléa geral legislativa de 23 de setembro de 1854, e regulamento de 24 de fevereiro de 1855, foi authorisada a camara municipal da côrte a organisar um syndicato para abrir a rua do Cano até ao Terreiro do Paço, e edificar de um e de outro lado novos predios, segundo os projectos approvados, podendo esse syndicato expropriar todos os predios da mesma rua e parte dos terrnos das casas ou quintaes que lhe ficavam proximamente parallelos ou transversaes, tanto quanto bastasse para que as novas edificações tivessem o fundo de quinze braças. E como unica manifestação de respeito pela propriedade individual, concedeu-se aos donos das casas e terrenos que soffressem desapropriação nas ruas parallelas ou transversaes, o direito de preferencia para se inscreverem como accionistas até ao valor das suas propriedades.

Ora isto sempre é bem mais violento do que o que projecta agora fazer-se com o parque da Avenida da Liberdade e com a Avenida das Picôas, ao Campo Grande. Pois essa extraordinaria auctorisação tornou-se ainda extensiva, pelo art. 12.º da mesma lei, a qualquer outro syndicato que se organisasse para alargamento da rua dos Latoeiros.

Na Hespanha, basta-nos citar a lei de 22 de dezembro de 1876, que no artigo 15.º determina que, sempre que a municipalidade projecte a abertura d'uma praça, rua ou passeio, tem direito a expropriar a totalidade do predio ou predios que venham a ter a fachada para essas novas vias, e cujos donos se neguem a ceder a quinta parte para o serviço publico, ou a pagar o seu preço pela forma estabelecida na mesma lei. Este onus da cedencia gratuita da quinta parte do predio ou o sen valor, equivale a percentagem de 20 por cento da valorisação dos predios confinantes imposta pelo projecto de lei que se está discutindo na nossa camara electiva.

Ha ainda na legislação de alguns cantões da Suissa, e na de outras nações, exemplos frizantes de applicação de principio de alta conveniencia publica da expropriação por zonas.

E nem o respeito pelos direitos individuaes, nem o zelo pelas garantias da propriedade individual são menores n'esses paizes do que no nosso. Mas o que decerto ha n'elles, muito menos do que entre nós, é declamação rhetorica, e pieguice de constitucionalismo convencional.

*

Foi admiravel de proficiencia, de clareza e de rigor logico o discurso proferido hontem na camara electiva pelo sr. presidente do conselho sobre o projecto de lei de expropriação por zonas.

Sem entrar a fundo na questão, já votada, da constitucionalidade do projecto, mesmo porque ella já fôra tratada pelo relator da commissão, o eminente estadista começou por lembrar á camara que o fecundo principio da expropriação por zonas, além de não contrariar a lettra nem o espirito da nossa constituição, e de estar reconhecido ha muito, com mais ou menos largueza, e por diversas fórmas, na nossa legislação, estava sendo advogado pelos mais profundos pensadores e mais eminentes jurisconsultos da epocha. E citou então n'esse sentido a opinião auctorisada de Laurent, distinctissimo professor da Universidade de Gand, e sabio tão illustre e cidadão tão benemerito, que a Belgica o glorificou em vida, erguendo-lhe uma estatua. Podia citar mais o insigne escriptor Lalleau, e outros.

Em verdade, a tendencia do espirito moderno não é para o exaggero das doutrinas individualistas, que sacrificam a um mal entendido interesse particular todas as necessidades publicas. Nada ha mais sagrado que a inviolabilidade do domicilio e a integridade do cidadão, e á lei suprema do bem publico se sacrificam ambas estas garantias constitucionaes.

Deus nos livre de exaggerar tambem o principio da salvação publica, que tão horrorosos attentados tem posto na historia da humanidade. Longe está de nós a idéa de applicar bruscamente ao regimen da propriedade a theoria phantastica do socialismo do estado.

Mas *est modus in rebus*: ha meio termo em tudo. E não são mesmo coherentes os defensores das soluções radicaes, quando se agarram á Carta Constitucional, que é, toda ella, o termo da transacção lavrado nos autos de um renhido pleito entre o despotismo e a liberdade.

Tanto que já chegam a confundir a questão da constitucionalidade com a da justiça e conveniencia do projecto, e depois de sustentarem, berrando, que a excepção de incompetencia era uma questão prejudicial, concluem, aos gritos, que a sua inconstitucionalidade provém da sua inopportunidade e da sua injustiça.

Por isso com razão e eloquencia lhes perguntou o nobre presidente do conselho que amor pela pureza dos principios constitucionaes era aquelle tão prompto a ser esquecido perante a evidencia das necessidades municipaes. Para elles, o bem publico não exige, *por agora*, este systema de expropriações; porque, se o exigisse, o entranhado amor que professam pela Carta Constitucional, a santa paixão que os inflamma pelo direiro da propriedade, todo esse heroico enthusiasmo que blasonam pelas garantias individuaes, desappareciam de todo! E já então as simples côrtes ordinarias seriam competentes para revogar constituição do estado, como fizeram pela lei de 15 de abril de 1874, para as ruas do Barredo e das Congostas!

Que elles, a final, como se vê, não impugnam os melhoramentos da capital. Assim tem o cuidado de o declarar expressamente no principio dos seus discursos, para que se lhes não possa interpretar mal a intenção quando concluem dizendo que taes melhoramentos não são precisos, e que a sua realisação é uma leviandade e um perigo para as finanças municipaes.

Todas estas contradicções curiosissimas evidenciou a palavra fluente e elegante do sr. José Luciano, que passou depois, misericordiosamente, a ensinar como é que pelo estudo sensato e consciencioso das questões se póde encurtar o tal caminho de 300 leguas que conduz á posteridade.

Esta parte do notabilissimo discurso foi rico de erudição, e exposta com tão finissima ironia, que esborrachou completamente as bôlhas rhetoricas dos impugnadores do projecto.

O sr. presidente do conselho, entrando com desassombro em todos os campos em que a questão fôra posta, ostentou mais uma vez os seus portentosos recursos de pensador, de estadista e de parlamentar, e provou que, se sabe e estuda como poucos, expõe e argumenta como ninguem melhor.

O GALÃO BRANCO

É do *Dia* o seguinte artigo:

«Provou-se hontem a utilidade da reforma constitucional da camara dos pares,—apesar de acanhada. A maioria dos pares vitalicios, ainda fiel ás tradições do morgadio legislativo, pesou toda, na questão dos cereaes, para o lado da grande propriedade agricola, que é só a que está affectada pela chamada crise cerealifera, contra o proletariado consumidor, e diz-se—dizem os periodicos regeneradores, que os applaudem,—que os proceres authenticos, arminhados, de galão de ouro, votaram assim porque são proprietarios, porque são lavradores, e portanto *comprehendem a questão*. Maneira simploria de confessar que votaram conforme o seu interesse e o do sua classe, interesse mal pensado, interesse egoista, interesse imprudente e imprevidente, que, se não fôra hontem reprimido pelo interesse geral, representado pelos pares electivos, teria desencadeado sobre o paiz todas as perturbações d'uma crise politica, d'uma crise economica, d'uma crise social!

Não? Ora reflictam. Supponham que o projecto era regeitado, que o governo pedia a demissão, que lh'a dava a corôa,—as hypotheses mais fagueiras para os *salvadores* da agricultura. Grande escandalo, grande fallacia, e o povo, a multidão, o consumidor, o *Zé*, que ainda não reparou em todo este debate dos cereaes nem no que elle significa para os seus interesses, perguntava afinal.—Porque é tanta bulha?—Dissolviam-se as camaras, abria-se uma campanha eleitoral... sobre a *questão do pão!* Propaganda d'um e outro lado, polemica vehemente na imprensa, comicios, bandeiras desenroladas. N'uma a divisa: *trigo caro!* n'outra o lemma: *pão barato!*

Ministeriaes seriam os grandes proprietarios e os poderosos lavradores, com a opposição militariam os farinadores e os padeiros; as *ligas agrarias*, as associações de classe, tomar-se-hiam centros politicos e clubs eleitoraes; a questão economica romperia os partidos. E o povo, a multidão, o consumidor, o *Zé*, chamado por uns, engodado por outros, ouvindo estes, escutando aquelles, vendo combaterem-se os argumentos, começaria a coçar na cabeça branca a dizer comsigo:

— Muito me contam estes senhores! Com que então eu, em cada kilo de pão que como, já hoje pago, só para os tributos, 15 réis, e dizem que o moleiro e o padeiro ganham tanto, que do ganho ainda podem dar mais 10 réis por kilo ao Estado ou aos lavradores, sem ficarem arruinados! Então,... 10 ✕15,25,... podia eu ter o pão 25 réis mais barato em cada kilo! E visto que compro quatro kilos por dia, pouparia n'um anno 36$500 réis, que é a sexta ou a oitava parte do que ganho a trabalhar desde que o sol nasce até que se põe!

E o povo interessar-se-hia na contenda!

Mas o novo ministerio—ministro da fazenda o sr. Hintze, ministro das *obras publicas o sr. conde de Ficalho*,—ganharia as eleições. Grande triumpho, enchente de *ruraes*, deputado o sr. Leonardo Torres, presidente da camara electiva o sr. Pinto Coelho, poder occulto o sr. José Maria dos Santos, maiorias representando tantos mil moios de trigo e tantas mil pipas de vinho, ao lado do parlamento um club de *jacobinos* agrarios, a Real Associação de Agricultura. Supponhamos que os vencedores eram humanos, que não expropriavam de graça as moagens, nem enforcavam os moageiros, nem dispensavam a classe agricola do serviço militar e as terras de trigo de todas as contribuições. Augmentavam apenas o direito do trigo em grão a 25 réis. Impunham os trigos rijos ao consumo. Engendravam preços artificiaes. Para manterem a seis o dos trigos nacionaes, faziam subir os estrangeiros,—mas d'um terço do consumo,—a sete ou sete e meio. E, feito isto, o sr. José Maria dos Santos caia nos braços do sr. Estevam d'Oliveira, n'um enternecimento de felicidade: estava salva a agricultura!

Estaria; mas no dia seguinte os padeiros principiavam a vender pão escuro, humido, de codeas molles, *saloio*, a 120 réis o kilo—Já não ha d'outro! diziam.

— Comam d'esse pão, aconselharia a *Epoca*, se não querem ter anemias nem dispepsias!

— Paguem-n'o por esse preço, porque os lavradores tambem precisam ganhar a vida! exhortaria a *Gazeta de Portugal!*

Mas o povo, a multidão, o *Zé*, já inteirado da questão e mettido n'ella, não se convenceria:

— Pois não podemos ter pão branco, leve e saboroso, a 60 réis, ou menos, e havemos de pagar este a 120 réis! Fóra, egoistas!

Murmurações, gritarias, imprecações. A esse tempo já as padarias municipaes e as moagens do Estado teriam feito *banca-rota* na empreza de regularem os preços da *venda* não podendo regular os da *compra*. Os republicanos despiriam logo a casaca proteccionista: é o governo que quer matar á fome o povo! O socialismo declamarir contra a propriedade e o capital; far-se-hiam allusões a Villa Viçosa; organisar-se-hiam *ligas* de consumidores. Alguns padeiros fechariam as portas, pararíam algumas moagens. Juntamentos, gritos subversivos, saía a municipal, quatro pranchadas, dois gallos na testa dos espectadores inoffensivos, um cavallo *omnipotente* pisava o sr. Arroyo. O governo queria admittir farinhas estrangeiras, o club dos jacobinos oppunha-se, o que se ha de fazer, o que se não ha de fazer. Grande fecundidade de alvitres extravagantes: o sr. visconde de Moreira de Rey propunha que o governo se fizesse importador de trigos; o sr. visconde de Moreira de Principe queria que elle se fizesse padeiro. Afinal as padeiras d'Avintes punham a mão na anca: governo em terra! Venha o espirito conciliador do sr. José Luciano, venha a maleabilidade do sr. Marianno de Carvalho, acudir á desordem! Pannos quentes, meias-medidas, papas de linhaça, accordos, mas qual? As paixões estão excitadas, os interesses estão descomedidos, a especulação politica já tomou conta da crise, *todos ralham e todos teem razão*, e nem o Pae do Ceu é já capaz de evitar um terremoto ao castellinho de cartas da nossa prosperidade, um temporal ao charco sem diques da nossa paz interna! E se afinal se fizessem as contas a quem perdéra mais na balburdia, achar-se-hia que tinham sido os *salvados*, os proprietarios, os lavradores, os que mais teem que perder em todas as perturbações economicas e sociaes!

Aqui está do que nos livrou o *galão branco*. O principio electivo manteve a sua significação e conservou á sua virtude. Representou o paiz, que não é uma provincia, nem uma classe, nem uma cultura.

TRANSCRIPÇÃO

Tomamos do *Economista* o seguinte artigo, e tomamol-o d'aquelle auctorisado jornal por que elle illucida muito a questão do dia:

Setenta e dois votos contra quarenta e dois approvaram hoje na generalidade o projecto de lei modificando os direitos de importação de cereaes, diminuindo duzentos contos nos impostos que paga a terra nas suas diversas manifestações e augmentando em algumas dezenas de contos a despeza publica com a creação de instituições e estabelecimentos que assegurem ao trigo nacional o consumo que os defensores da agricultura dizem lhe falta.

A victoria para o governo foi como se vê brilhante. A politica e os interessados, grandes lavradores do sul do reino congregados, não poderam levar de vencida o nobre ministro da fazenda que defendeu a questão brilhantemente, não consentindo que os interesses geraes fossem postergados.

Em verdade, para tirar vingança completa do congresso... agricola e dos pretensos defensores da agricultura o parlamento devia votar as conclusões do congresso: «direito do trigo em grão 25 reis—e da farinha de trigo 30 reis.»

As fabricas de moagem estariam paradas alguns mezes: para suprirem os seus freguezes importariam farinha estrangeira. Os detentores por qualquer titulo do trigo, gosariam do ineffavel prazer de admirarem as tulhas cheias sem ter quem lhes comprasse o cereal—ou então para que mais tarde as auctoridades sanitarias não mandassem destruir o trigo perdido, fariam convocar um numeroso congresso de ratos para consumirem o producto que o seu *bom* conselho tinha impedido de ser utilisado pelas fabricas de moagem. Como castigo solemne não poderia haver melhor.

E os defensores da agricultura—tambem defensores da liberdade absoluta do commercio, em nome de ambas propunham, como hoje fez o sr. visconde de Moreira de Rey, ser o governo investido em unico negociante e commissario de trigos—sendo prohibido a quem quer que fosse similhante commercio!

Por outro lado o chefe dos partidos monarchicos avançados, o sr. Barjona, esse n'um grande enthusiasmo—pelos consumidores portuguezes, pedia muita e muita protecção para o trigo—pouco se lhe importando se as outras nações compravam o cereal por menos preço e portanto o pão mais barato!!

Que tudo está voltado do avesso não resta a mais pequena duvida.

A camara dos pares discutirá ámanhã a especialidade do projecto, sendo provavel que fique ultimado o debate para as emendas poderem ser submettidas á camara dos deputados. E como vem de ponto vamos transcrever uma explicação dada hoje pelo *Diario Popular* sobre um incidente do final da sessão de hontem na camara dos pares:

«O digno par Anselmo Braamcamp Freire deu hontem no fim da sessão da camara dos pares explicações ácerca do facto de em 9 de dezembro de 1869 ter escripto no *Diario Popular* uma carta, affirmando que na quinta de S. João da Talha lhe sahira o trigo a 110 reis o alqueire. A explicação de s. ex.ª limitou-se á affirmação de que se enganára, mas que n'outra carta emendára o seu erro.

«Ora temos aqui a sua carta de 19 de dezembro emendando o erro com a declaração, de que o trigo lhe sahiu a 346,6 reis o alqueire.

«Mas da correspondencia do digno par resulta agora um erro:

«Que as suas culturas de trigo e de ensejo lhe fizeram de despeza reis 5:972$741;

«Que para fazer face a esta despeza teve 1:527$463 reis de cultura de ensejo e 1:373$920 reis de palha e resteva de trigo;

«Que, portanto, os 8:860 alqueires de trigo produzidos lhe custaram 3:071$358 reis, custando-lhe por isso 346,6 reis o alqueire.

«Posto isto, se o sr. Freire vendesse o seu trigo a 600 reis o alqueire como agora quer á viva força, teria recebido pela venda d'esse trigo reis 5:316$000, e como elle só lhe custou 3:071$358, ganharia s.ex.ª 2:244$642.

«Ora ganhar 2:244$642 reis com um emprego de capital de 5:972$741 reis é ganhar mais de 37 por cento o que não nos parece caso para grandes lamentações.»

E' notavel o encarniçamento com que a opposição de ambas as casas do parlamento pede... augmentos de despeza. Na dos pares o sr. D. Luiz da Camara Leme esfalfa-se para que lhe votem augmento de retribuição aos reformados. Na dos deputados o sr. João Pinto quer augmento de despeza com os alferes graduados e o sr. Serpa Pinto insta com o governo para que a commissão de fazenda ponha para alli o projecto que vae arrancar ao contribuinte umas dezenas de contos para augmentar vencimentos de reforma. Com franqueza, estes pedidos se fossem attendidos fariam com que ficasse largamente justificada a phrase do sr. Serpa Pinto—*os carneiros de Panurgio*.

Ora, por Deus, encerre-se quanto antes a sessão parlamentar: o paiz tem tudo a ganhar com isso. A opposição *fiscalisa*, como se vê, as despezas publicas e ainda ha poucos dias o sr. Julio de Vilhena applaudiu a injustiça da modificação na taxa da remissão dos recrutas de 1887, e o augmento subrepticio de despeza publica incluido no projecto, destinando 100 contos de reis para novas despezas do ministerio da guerra. E depois admiram-se dos orçamentos rectificados se distanciarem dos orçamentos de previsão!

Podéra.

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 2 de julho

Presidencia do sr. João Chrysostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 horas da tarde. Presentes 49 dignos pares.

O sr. presidente leu um telegrama do Centro Agricola de Monte-mór-o-Novo pedindo que não seja approvado o projecto de lei sobre os cereaes.

ORDEM DO DIA

Projecto sobre os cereaes

O sr. Hintze Ribeiro concluiu o seu discurso, combatendo os principaes pontos do projecto.

Respondeu-lhe o sr. ministro da fazenda, que defendeu o projecto e tratou de destruir os argumentos dos oradores precedentes.

O sr. visconde de Moreira de Rei principiou a usar da palavra contra o projecto, ficando com a palavra reservada.

(Durante a sesão foi grande a concorrencia de espectadores nas galerias da camara).

Sessão de 3 de junho

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios, os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão ás 2 horas da tarde. Presentes 40 dignos pares.

O sr. presidente apresentou uma representação de alguns membros de Associações Agricolas contra o projecto sobre os cereaes.

O sr. Camara Leme pediu á camara que não approvasse o projecto de lei que admitte remissões aos mancebos recenseados em 1887.

ORDEM DO DIA

Projecto sobre os cereaes

O sr. visconde de Moreira de Rei concluiu o seu discurso. Referiu-se ao facto de que o governo prohibisse, em absoluto, a importação de trigo estrangeiro, tendo comtudo o Estado um deposito por sua conta.

A requerimento do sr. Francisco de Albuquerque, foi prorogada a sessão até ser votada a generalidade do projecto.

Falaram ainda, a favor do projecto, os srs. Pereira de Miranda e ministro da fazenda.

Responderam-lhe, combatendo o projecto, os srs. Barjona de Freitas e conde de Ficalho.

Foi julgada discutida a materia na generalidade, sendo o projecto approvado, em votação nominal, por 72 votos contra 42.

Disseram *regeito* os seguintes dignos pares: duque de Palmella, marquez de Fronteira, marquez de Pombal, marquez de Vallada, conde de Alcaçovas, conde dos Arcos, conde de Bertiandos, conde da Boavista, conde de Ficalho, conde de Margaride, conde da Praia e de Monforte, conde da Ribeira Grande, visconde da Arriaga, visconde da Azarujinha, visconde de Bivar, visconde de Carnide, visconde de Moreira de Rey, visconde da Silva Carvalho, visconde de Soares Franco, Braamcamp, Antonio Emilio Brandão, Couto Monteiro, Serpa Pimentel, Telles de Vasconcellos, Barjona de Freitas, Vaz Preto, Hintze Ribeiro, Costa e Silva, Simões Margiochi, Andrade Corvo, Coelho de Carvalho, Gomes Lages, Lourenço d'Azevedo, Barbosa du Bocage, Camara Leme, Luiz de Bivar, João Franzini, conde de Gouveia, visconde de Almeidinha, Pinto Basto, Mello Gouveia e Thomaz Ribeiro.

A sessão terminou ás 6 horas da tarde.

As galerias estiveram muito concorridas.

Sessão de 4 de julho

Presidencia do sr. João Chrisostomo; secretarios os srs. Ressano Garcia e conde de Paraty.

Abriu-se a sessão á 1 horas da tarde.

Presentes 39 dignos pares.

Entrou em discussão o projecto de lei auctorisando o pagamento aos deputados, do subsidio correspondente á prolongação da actual sessão legislativa.

Depois de breves considerações dos srs. Camara Leme e Thomaz Ribeiro, a que respondeu o sr. Antonio Maria de Senna, foi approvado o projecto.

ORDEM DO DIA

Discussão na especialidade do projecto de lei sobre os cereaes

O sr. Vaz Preto fez varias considerações contra o projecto.

Respondeu-lhe o sr. ministro da fazenda defendendo a materia do projecto.

O sr. Barjona de Freitas combateu os argumentos apresentados pelo sr. ministro da fazenda.

Seguiu-se o sr. Simões Margiochi, atacando o projecto e defendendo as propostas approvadas no congresso agricola de Lisboa.

A proxima sessão é amanhã.

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 2 de julho

Presidencia do sr. Coelho e Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Presentes 84 senhores deputados.

O sr. Avellar Machado queixou-se das arbitrariedades praticadas pela Companhia das Aguas de Lisboa, e trocou explicações, a este respeito, com o sr. presidente do conselho.

O sr. Silva Cordeiro referiu-se á transferencia d'um empregado da administração do Celorico para Amares.

O sr. José Azevedo Castello Branco referiu-se ás duvidas que suscita a lei do recrutamento, e especialmente na parte que diz respeito á inspecção do recrutas; e trocon explicações com o sr. presidente ao conselho a este respeito.

O sr. Serpa Pinto defendeu a necessidade de que os vapores que fazem carreira para os Açores, e que tocam na ilha Terceira, levem passageiros para as outras ilhas.

O sr. Elvino de Brito apresentou o parecer da respectiva commissão sobre o projecto de lei que adjudica o caminho de ferro do sul e sueste a empreza particular.

ORDEM DO DIA

Questão prévia sobre a constitucionalidade do projecto de lei das expropriações por zonas

O sr. João Pinto defendeu a incompatibilidade do projecto.

Respoudeu-lhe o sr. Vieira Lisboa, que requereu votação nominal sobre a questão prévia.

A camara não concedeu votação nominal.

Foi rejeitada a inconstitucionalidade do projecto, o qual entrou em discussão.

Fallou o sr. João Arroio, que apresentou varios argumentos contra o projecto.

Sessão de 3 de julho

Presidencia do sr. Coelho e Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 horas e meia da tarde.

Presentes 75 srs. deputados.

O sr. Avellar Machado, commentou a ausencia do sr. ministro dos estrangeiros, dizendo que o desejava interrogar sobre o estado das negociações do nosso tratado de commercio com a Hespanha.

O sr. ministro das obras publicas declarou que o convenio com a Hespanha, sobre a pesca, havia caducado.

O sr. Augusto Fuschini pediu ao sr. ministro da guerra que fizesse a promoção na arma de engenheria.

O sr. ministro da guerra respondeu que ia fazel-a.

O sr. João Pinto disse desejar que fôsse discutido na actual sessão legislativa o projecto de lei, relativo aos alferes graduados.

ORDEM DO DIA

Projecto sobre a expropriação por zonas

O sr. João Arroio fez largas considerações contrarias ao projecto.

O sr. presidente do conselho respondeu-lhe tratando de destruir os principaes argumentos que o sr. Arroio havia apresentado.

Sessão de 4 de julho

Presidencia do sr. Coelho e Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Borges Cabral.

Abriu-se a sessão ás 2 1|2 horas da tarde.

Presentes 87 srs. deputados.

O sr. João Arroyo perguntou se o governo tencionava reformar o quadro do pessoal das duas casas do parlamento.

O mesmo sr. deputado referiu-se á questão das loterias da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, extranhando o procedimento do governo.

O sr. presidente do conselho declarou que a reforma do pessoal das duas camaras seria feita de accordo com as respectivas mezas. Tratando da questão das loterias da Misericordia, defendeu o procedimento do governo.

Varios srs. deputados trataram, em seguida, de assumptos de interesse particular.

ORDEM DO DIA

Projecto para a expropriação por zonas

O sr. Dias Ferreira, combateu o projecto, dizendo que as innovações por elle introduzidas offendem a constituição do reino e todos os bons principios de administração publica.

O sr. Augusto Montenegro requereu que fosse julgada discutida a materia na generalidade.

A camara approvou o requerimento.

O sr. Ruivo Godinho requereu em seguida que houvesse votação nominal sobre a generalidade. Foi approvado.

Procedendo-se á votação, foi a generalidade approvada por 63 votos contra 24.

Entrou depois em discussão a especialidade do projecto.

O sr. Barbosa de Magalhães apresentou uma proposta em substituição do projecto.

O sr. Vieira Lisboa requereu a discussão de todos os artigos do projecto conjunctamente.

A camara approvou.

O sr. Franco Castello Branco fez largas considerações contra o projecto. Fallou toda a hora.

COMMUNICADOS

NECROLOGIO

Dies mei transierunt cogitationes mae dersepatœ sunt.

Job—17—11.

Mais uma existencia preciosa deixou de existir na villa de S. João de Areias. O ex.mo e revd.mo sr. Francisco Antunes de Carvalho já não é do numero dos vivos. Morte medonha que ceifas o que é mais precioso no mundo! Parca insaciavel que arvoras tua negra bandeira, e dás golpe certeiro tanto no palacio dos reis como na choupana dos pobres, deixando em qualquer parte onde entras familias inconsolaveis.

No dia 23 d'este mez de junho cortaste o fio da existencia a um ente bondoso que durante a sua vida foi o prototypo da moralidade, um clerigo exemplarissimo e amigo dedicado da sua classe. Quando conheceu que estava prestes a terminar seus dias, recebeu os sacramentos como verdadeiro catholico. Extinguiu-se para sempre esta organisação verdadeiramente privilegiada, que estava sempre prompta a beneficiar a todos. Para com sua familia e estranhos ninguem havia mais affavel e mais carinhoso.

Não lhe valeram os esforços de sua ex.ma familia que o idolatrava, porque havia soado a hora em que aquelle corpo que servira de involucro a um coração onde germinaram as mais raras virtudes e os mais nobres sentimentos, tinha de voltar á materia de que foi formado e deixar voar a alma que o animava ao seio de Abrahão, patria celeste onde é coroada a virtude.

Era o finado primo do primeiro ministro constitucional e grande estadista José da Silva Carvalho. Foi empregado na camara ecclesiastica de Vizeu. Exerceu muitas commissões dos prelados d'esta diocese sempre com muita dignidade. Soffreu uma preterição durante 12 annos no tempo do governo absoluto com a maior resignação, porque tinha a verdadeira vocação e era chamado para o sacerdocio como Arão. Foi parocho de Dardavás, concelho de Tondella, e transferido para a sua terra natal. Era cavalleiro do habito de Christo, conego honorario e arcipreste do 3.º districto de Besteiros, logar que occupou com muita imparcialidade, não exercendo vinganças contra os clerigos e sempre muito bemquisto d'estes e dos prelados. Uma das virtudes que n'elle muito resplandecia era a caridade. Com esta rainha das virtudes abrandava a dureza da miseria aos infelizes, estendendo-lhes a sua mão benefica.

Foi grande o numero de clerigos e cavalheiros que o acompanharam ao campo da egualdade, sua ultima morada. As lagrimas marejavam em todos os olhos e gritos de dôr saíam de todos os labios.

A vida é como um pharol collocado n'um monte que com a pequena brisa se apaga. A vida é sombra que foge e nuvem que vôa. E' um sonho tão leve que se desfaz como a neve. E' uma flôr para alguns tão cheia de espinhos, que o mais pequeno raio do sol faz caír sobre a sua tenue haste. Quem não virá sobre a sua sepultura desfolhar uma saudade orvalhada com pranto?

Que a terra lhe seja leve e que receba no Ceu o premio de suas virtudes, como na terra teve sempre a estima e consideração de todos, é o que desejo do fundo da alma.

Ao ex.mo sr. Beirão, sobrinho do finado, e digno administrador do concelho, e a toda a sua ex.ma familia, acompanho-os na dôr e na saudade, enviando-lhes os meus sinceros pezames, lembrando-lhes a resignação. Hoje só nos resta uma prece pela sua alma.

Parada de S. João d'Areias 27 de junho de 1888. *L. P. O.*

SECÇÃO LITTERARIA

COMO SE MANEJA UMA LINGUA

O ESTILO DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

. . . . . .

Porém, qualquer que seja o assumpto que tome, a fórma que empregue ou a escola em que se arrole Camillo Castello Branco, a sua linguagem é invariavelmente portuguezissima.

Tem o ouvido cada vez mais apurado e afina todos os annos esse instrumento glotico onde hoje vibra as suas notas de «Mestre».

Camillo é um millionario da lingua em que escreve. Dizer que a maneja com toda a pureza e garbo, com toda a opulencia e inexcedivel propriedade, como quem está de gorra nas genialidades do nosso fallar patrio e explorou o minerio completo dos classicos, que lhe são tão conhecidos como se foram seus contubernaes, é dizer pouco.

Importa accrescentar, para ser simplesmente exacto, que addicionou novos e soberbos lanços ao edificio secular construido por frei Luiz de Souza, Camões e Vieira, estes Bramantes philologicos que com o magico talisman do seu genio souberam architectar uma das mais formosas linguas que o mundo conhece.

Com o poder giganteo da sua penna, avolumou o diccionario portuguez, creando para nós como um vocabulario inedito opulentissimo, que sem hyperbole se póde chamar omniloquente, visto como não conhece desfallecimentos e exprime com a fidelidade de uma arma de precisão tudo quanto lhe apraz.

Dizem que Camillo é pobre e dizem a verdade.

A sua casa, cujo caminho a fortuna ainda não traçou no seu itinerario caprichoso e até absurdo, apenas respira o cheiro pouco activo de um provinciano remediado. Pois o solitario de S. Miguel de Seide não tinha mais que amoedar o seu portuguez e passaria a ser um capitalista comparante ao Burnay, o rei-dinheiro de Portugal.

A industria é uma cousa moderna. Não havia outr'ora as grandes Expoções que a animaram, a generalisaram e fazem de Paris um salão da Europa e do mundo.

A respeito de exposições nem sequer se dava d'antes á palavra a significação que actualmente tem. O que havia era essa entidade anachronica, archaica, bolorenta, que em Portugal se chama revendão de antiguidades, em França *brocanteur*.

O revendão reunia, colleccionava apenas na sua camara obscura o que podia ser desencantado por um par de lunetas de présbita, a legua e meia de circumferencia. Viam-se alli de mistura com uns jarrões azul hortencia, da China, um quadro a oleo de autor ignoto a que se attribuia alto merecimento na razão directa da obscuridade das figuras e das camadas geologicas... do pó; uma panoptia do seculo XIV de envolta com um missal trauxiado, chapeado e illuminado dos tempos medievaes, uns amuletos da India ao lado de uns calções e de uns rabichos venerandos do tempo de D. José, etc.

O seculo XIX creou o palacio industrial, em cujo frontão o genio moderno inscreveu *Progredior*, assombroso *rendez-vous* de todas as aptidões, trabalhando sobre o thema enorme do «util», do «pratico».

O olhar humano contempla alli deslumbrado as *numeras invenções*, aperfeiçoamentos, caprichos, prodigio de arte e de força dos espiritos que aspiram anciosos ao baptismo de uma consagração social pelo labor. Ora, eu digo que o portuguez de Camillo é como uma ingente e soberba Exposição, onde sob a magia da sua penna surgem, irrompem e se desdobram aos olhos fascinados do leitor todas as riquezas ignoradas por muitos, da lingua que foi, dando as mãos ás centelhações da lingua do futuro, que elle tira do nada pelo poder talismanico do neologismo, e será ámanhã uma parte preciosa da lingua do presente.

E' incontestavel que o seu portuguez é como uma gemma de mil facetas, onde outras tantas vezes se quebra o sol dos fulgores multiformes da lingua, ou como uma superficie especular onde se concentram todos os seus raios a ponto de deslumbrar-nos.

O estilo do grande litterato tem o colorido vivo das telas de Velasques, o panejamento vigoroso de Rivera, o claro escuro de Rembrandt, a elegancia esculptural das estatuas de Benevenuto Cellini, as amplificações analiticas de Balzac, consorciadas com a concisão rigorosa de Labruyêre, e as mimosas filigranas de Theophilo Gauthier fundidas magicamente com o espirito philosophico de Alphonse Karr e com o humorismo inexgotavel de Pierre Véron.

A pena d'este escriptor-colosso esbate as scintillações de diamante com os negrumes do onix, a côr cerulea da safira com os tons opalinos do jado, os risos flamejantes do rubim com as tristezas da amethista.

Quando a gente pensa que as suas opulencias de dicção se esgotaram na ultima producção litteraria que o prélo lhe publicou, offerecendo-nos as derradeiras joias do seu escrinio, no livro seguinte repontam novas e inesperadas formosuras, estrellejam palhetas de pedreiras desconhecidas que o impavido mineiro descobriu e arrancou da mina da lingua estudada nos seus caudaes e do rico minerio de si mesmo. E' um kaleidoscopo, um iris, um prisma, um immenso leque de immensas colorações.

Quem o tiver lido como eu desde o «Livro negro do padre Diniz» até ao «Esboço critico» do Othelo, não será capaz de dizer que exagero.

O seu estylo ri, debica, narra, vocifera, increpa, soluça, geme, canta, encanta, fustiga, derréa, esmaga, preconisa, admira, floreja, sobe ao sublime, desce ao picaresco, enternece, irrita, e até ás vezes esquece que temos nariz, ou, se temos nariz que avezamos estomago, o que francamente não louvo.

Não é um estylo, são todos os estylos, não é uma arma, é um arsenal, não é a palavra de um talento, é o verbo omnipotente de um genio litterato, finalmente não é um regato orlado de uns massiços de modestos juncaes, é um oceano com os pincaros altaneiros das suas ilhas e continentes, com o mundo submarino dos seus coraes e madreporas, dos seus monstros informes e delicadas vegetações.

Senna Freitas.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 30

Boletim de sanidade maritima declarando infeccionados da epidemia de colera morbus os portos da procedencia de Bombaim e os portos de Macau.

Diario de 2

Portaria determinando a confecção das tabellas de conversão do fundo consolidado interno de 3 por cento em pensões vitalicias.

Secretaria da camara dos deputados: Relatorio do ministro da fazenda ácerca dos actos do governo praticados por auctorisações parlamentares.

Diario de 3

Decreto nomeando os juris para os exames dos lyceus do continente do reino, na proxima epoca.

Decreto e respectiva tabella dos valores medios das mercadorias para exportação no terceiro trimestre do presente anno.

Diario de 4

Annuncio de estar aberto concurso, pelo praso de 30 dias, para o provimento ou contrato de dois logares de professores de esgrima que lecionem alguns officiaes do exercito.

31

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

Fallava do regresso do rei Ricardo como d'um acontecimento fôra de toda a probabilidade. Comtudo, quando notava, pelo ar de duvida d'aquelles a quem fallava d'este modo, e pelas suas respostas ambiguas, que era este temor quem trabalhava os seus espiritos dizia atrevidamente que a volta do rei, quando mesmo se realisasse, não devia mudar nada aos seus calculos politicos.

— Se Ricardo regressa, dizia Fitzurse, é para enriquecer os seus cruzados, empobrecidos e mortos á fome, á custa dos que o não seguiram á Terra-Santa; é para castigar severamente todos os que, durante a sua ausencia, tiverem commettido alguma pretendida infracção contra as leis do paiz, ou contra os privilegios da corôa; é para punir os templarios e os hospitaleiros da preferencia que deram a Filippe de França durante as guerras da Palestina; emfim para tratar como rebeldes a todos os amigos do principe João. Temeis o seu poder? dizia ainda o artificioso confidente do principe. Convenho que é um cavalleiro não menos habil que valente; porém nós já não vivemos no seculo do rei Arthur, em que um só campeão vencia um exercito. Se Ricardo voltar, ha-de ser sem sequito, e sem amigos; os ossos dos seus bravos soldados alvejam nas planicies da Palestina. O pequeno numero de cruzados, que escaparam á foice da morte, voltarão aqui como verdadeiros mendigos, como Wilfrid d'Ivanhoé, e não são nada para temer. Que importa o direito de primogenitura? accrescentava para os que conservavam alguns escrupulos a esse respeito: dá elle por ventura a Ricardo um titulo mais sagrado á corôa d'Inglaterra, do que não deu este mesmo direito ao duque Roberto de Normandia, filho mais velho do conquistador? Guilherme-o-Ruivo e Henrique, seus irmãos mais novos foram-lhe comtudo successivamente preferidos pela voz da nação. Roberto tinha todas as qualidades que podem fazer valer Ricardo. Era um valente cavalleiro, chefe cheio de talentos, generoso para com seus amigos, e para com a igreja: tinha-se feito cruzado como Ricardo, e conquistado o Santo-Sepulcro. Mas nem por isso deixou de morrer cégo e prisioneiro, no palacio de Cardiff, porque se não quiz submetter á vontade do povo, que recusou de o reconhecer por seu senhor. Nós temos direito de escolher na familia real o principe que está mais em estado de nos governar, isto é, aquelle que melhor sabe sustentar os interesses da nobreza. E possivel que, quanto ás qualidades pessoaes, o principe João seja inferior a Ricardo; mas se se pensar que este volta tendo n'uma mão o cutello da vingança, em quanto o primeiro nos offerece privilegios, honras, e riquezas, como poderiamos hesitar na escolha que temos a fazer entre elles?

Estes raciocinios e muitos outros, que o ardiloso conselheiro do principe João sabia adaptar ao caracter d'aquelles com quem fallava, e ás circumstancias particulares de cada um, produziram o effeito que elle esperava sobre os barões do partido do principe João. A maior parte d'elles consentiram em ir a assembléa que se propunham de reunir em York, a fim de deliberarem sobre os arranjos definitivos para pôr a corôa na cabeça do irmão do rei legitimo.

Começava já a fechar-se a noute quando Fitzurse, cançado, esgotado pelos esforços que tinha feito, mas contente pelos resultados, entrando no palacio d'Ashby, encontrou Bracy, que tinha mudado os ricos vestuarios com que estava vestido no banquete, por um vestido de panno verde, um morrião de couro, e uma faca de matto; tinha uma trompa suspensa ao hombro, um arco na mão e um maço de flechas atadas á cintura: Se Fitzurse tivesse encontrado uma tal personagem fóra do palacio, teria passado perto d'elle sem fazer attenção; mas achando-o no vestibulo, affirmou-se n'elle e reconheceu o cavalleiro normando disfarçado em archeiro inglez.

— Para que é similhante disfarce? perguntou-lhe Fitzurse carregando-se no semblante. É por ventura razão de vos embarcardes em alguma louca aventura, quando o destino de nosso amo, do principe João, está para decidir-se? Melhor seria que me ajudasseis a erguer os animos abatidos d'esses fidalgos, que só de ouvirem o nome de Ricardo estremecem, como dizem que fazem as creanças sarracenas.

— Não me fazes justiça, Fitzurse; que ia eu tratar de meus negocios, lhe tornou de Bracy, como tu tratas dos teus.

— Como dos meus! Eu não me occupei até aqui, senão dos do principe João, nosso patrão commum.

— Muito bem, Waldemar; mas qual é o motivo que tendes para obrar d'esse modo? o vosso interesse pessoal: não tendes outro... Vamos, Fitzurse, nós conhecemo-nos ambos. A ambição dirige todas as acções; o prazer é o movel das minhas; é o resultado da differença das nossas idades. Quanto ao principe João, vós tendes d'elle a mesma opinião que eu. Nós ambos sabemos que elle é mui fraco para ser um rei forte, muito despota para fazer um bom rei; muito insolente e presumido para ser um rei querido e estimado dos seus subditos, emfim muito insconstante e muito timido para conservar por muito tempo a corôa. E porque abraçamos nós o seu partido? Porque é com um tal rei que Fitzurse e Bracy podem ganhar. Eis porque o ajudâmos, vós com a vossa politica, e eu com as lanças da minha companhia franca.

— Tenho um auxiliar que dá boas esperanças! disse Fitzurse com um tom d'impaciencia: um homem que se occupa em ninharias no momento mais critico... E qual é, pelos céus, o motivo d'um tal disfarce, n'uma crise tão seria?

— Eu to digo: ia ver se podia casar-me á moda da tribu de Benjamin.

— Da tribu de Benjamin? não vos entendo.

— Não estaveis hontem presente, quando depois do menestrel cantar, nos disse o prior Aymer que antigamente, na Palestina, levantou-se uma contenda mortal entre a tribu de Benjamin, e o resto do povo d'Israel; que este, tendo tomado as armas, desbaratou a cavallaria da tribu, e jurou por Nossa Senhora de não consentir que os que escapassem á carniçaria tomassem esposas da sua linhagem; que estes ultimos mandáram consultar o santo padre, para saber o que deveriam fazer; e que, por parecer de sua santidade, os jovens cavalleiros da tribu de Benjamin deram um soberbo torneio; que roubaram todas as damas que lá foram, e que, por este meio, acharam esposas sem ter que pedir consentimento a ninguem.

— Persuado-me que me lembro d'essa historia, se bem que me parece que vós ou o prior lhe fizestes grandes mudanças; mas não vejo que...

— Digo-vos que quero procurar uma mulher á moda da tribu de Benjamin; isto é que, esta noute, com disfarce, cáio sobre o rebanho de porcos saxonios que acabam de partir do palacio, e roubo a bella lady Rowena.

— Estais louco, Bracy? lembrai-vos que, ainda que são saxonios, são ricos, poderosos, e tanto mais respeitados pelos seus concidadãos, quanto a riqueza e o poder são hoje cousas bem raras entre os d'esta raça.

— E nenhuma devêra haver para pôr o ultimo remate á conquista, o mais é deixál-a em meio.

— E quando assim fôra, a occasião não é opportuna, porque na crise actual o principe João necessita de ter da sua parte o povo, e com razão castigaria o que insultasse os que são d'elle estimados, como por exemplo o são estes saxonios.

— Que o faça, se a tanto se atreve, e verá a differença que existe entre uma tropa de boas lanças, como as minhas, e um pegulhal de miseraveis saxonios sem ordem, nem disciplina. Demais que não sabeis qual seja o meu plano. Todo o opprobrio d'esta empreza vai recair sobre os *outlaws*, que infestam as flores do condado de York. Com este traje não tenho ar de ser o mais attrevido d'entre elles? Fiz espiar o movimento dos saxonios. Esta noute devem dormir no convento de S. Wittold... Withold... não sei que rustico santo saxonio é, perto de Burton-on-Trent. No dia seguinte caímos sobre elles, como os falções sobre a ralé. Então appareço debaixo da minha fórma natural; represento o papel de cavalleiro cortez, livro a bella desafortunada das mãos de seus roubadores; conduzo-a ao palacio de Cabeça-de-Boi, ou para a Normandia, e não a restituo á sua familia senão quando ella fôr a dama, ou esposa de Mauricio de Bracy.

— É um plano excellente e sabiamente concebido; duvido que seja só filho da vossa imaginação... sede franco, Bracy; quem é que vos ajudou a traçar um tal projecto, e quem é que vos hade ajudar a pôl-o em execução? pois que não póde ser a vossa companhia, que está em York.

— Quereis sabel-o por força! Muito bem, é o templario Brian de Bois-Guilbert, que fez o plano do projecto que a aventura dos Benjamistas me suggeriu. Deve ajudar-me no ataque; elle e os seus fazem o papel d'outlaws, de cujas mãos meu braço valoroso arrancará a dama, quando tiver mudado de fato.

— Por nossa Senhora! é um plano digno da vossa sabedoria reunida com a sua! Admiro sobre tudo a prudencia que mostraes, Bracy, deixando a joven senhora entre as mãos do nosso digno confederado. Tirál-a das mãos dos seus amigos saxonios, será cousa facil, mas das garras de Bois-Guilbert, isso ha de ser mais difficil. E' um abutre acostumado a empolgar a preza, mas que não a larga tão facilmente.

— Como é templario, nenhum susto tenho que pertenda desposar-se com lady Rowena, e me contramine os projectos. Quem, Bois-Guilbert levantar os olhos para a futura esposa de Bracy, fazer-me a mais sensivel affronta? Nem que estivera á testa de todos os cavalleiros da sua ordem se atreveria a tanto.

— Visto que nada do que vos digo, Bracy, vos demove d'essa louca empreza, a que estaes resoluto, fazei por concluil-a com brevidade, que não seja ella tão demorada, como é intempestiva.

— Digo-vos, Fitzurse, que é um negocio d'algumas horas, e que depois d'ámanhã ver-me-heis em York, á frente da minha companhia, prompto para executar todos os planos que a vossa politica tiver traçado. Mas os meus camaradas estão-me esperando, adeus; parto, como verdadeiro cavalleiro, a conquistar o coração d'uma dama.

(Continúa.)

6 DE JULHO DE 1888.

Nada importante tem occorrido por aqui. No parlamento ha de notavel apenas o discurso do illustre deputado por Ovar, que foi um assombro de erudição e de eloquencia juridica. O sr. Barbosa de Magalhães teve mais uma occasião de mostrar os seus vastos conhecimentos sobre jurisprudencia, e o seu peregrino talento. A imprensa recebeu com louvor mais esta prova do alto engenho do distincto filho d'Aveiro, que todos teem já como um grande sabedor e como um elevado caracter.

— O conselho d'Estado reunido hoje resolveu prerogar as camaras até o dia 12, ou até data mais affastada se fôr preciso.

— A generalidade do projecto de lei, apresentado pelo sr. ministro da fazenda, para debellar a crise agricola, como disse em *á ultima hora*, votada na camara dos pares, sendo approvada por 72 dignos pares e rejeitada por 42. A votação póde decompôr-se do modo seguinte:

PARES VITALICIOS

Disseram *approvo* os srs. João Chrysostomo, Barros e Sá, duque de Loulé, marquez de Pomares, marquez de Sabugosa, conde de Castro, conde de Linhares, conde de Paraty, conde de Penha Longa, visconde de Alemquer, visconde de S. Januario, visconde de Valmôr, Adriano Machado, Pereira de Miranda, Quaresma, Sêcco, Costa Lobo, Teixeira de Queiroz, Francisco Maria da Cunha, Barros Gomes, Henrique de Macedo, Mendonça Cortez, Gusmão, J. J. de Castro, Fernandes Vaz, Horta, Mexia Salema, Manuel Antonio de Seixas, Pereira Dias, Miguel Osorio, Placido de Abreu e Thomaz de Carvalho.

Disseram *rejeito* os srs. duque de Palmella, marquez de Fronteira, marquez de Pombal, marquez de Vallada, conde das Alcaçovas, conde dos Arcos, conde de Bretiandos, conde da Boavista, conde de Ficalho, conde de Gouveia, conde de Margaride, conde da Praia e Monforte, conde da Ribeira Grande, visconde de Almeidinha, visconde de Arriaga, visconde de Azarujinha, visconde de Bivar, visconde de Moreira de Rey, visconde da Silva Carvalho, visconde de Soares Franco, Braamcamp Freire, Couto Monteiro, Antonio de Serpa, Telles de Vasconcellos, Barjona, Pinto Bastos, Hintz Ribeiro, Costa e Silva, Margiochi, Andrade Corvo, Gomes Lages, Mello Gouveia, Barbosa Bocage, Lourenço de Azevedo, D. Luiz da Camara, Vaz Proto, Franzini, Thomaz Ribeiro.

Approvaram...........	32
Rejeitaram.............	38

PARES ELECTIVOS

Disseram *approvo* os srs. marquez da Foz, conde de Campo Bello, conde de Restello, visconde do Porto Formoso, barão do Salgueiro, Agostinho Lourenço, Silva e Cunha, Senna, Oliveira Monteiro, Viegas, A. J. da Cunha, Bazilio Queiroz, Carlos Testa, Pinheiro Borges, F. Palha, F. Albuquerque, Van-Zeller, Ressano Garcia, Moraes, Melicio, Holbeche, Valladas, Vasco Leão, Andrade Pinto, Coelho de Carvalho, Bandeira de Mello, Podreira, Navarro de Paiva, Macedo, Silva Amado, J. M. Lobo de Avila, Sá Carneiro, José Pereira, José Tiberio, Paes Villas Boas, Miguel Osorio, Pereira Coutinho, S. Bernardo de Lima, Serra e Moura.

Disseram *rejeito* os srs. visconde de Carnide, Antonio Emilio Brandão, Luiz Bivar, Coelho de Carvalho.

Approvaram...........	40
Rejeitaram.............	4

—«Quem ha de *fazer troça do galão branco?* quem ha de deprimil-o, attribuir-lhe menos direitos e menos auctoridade que ao *galão amarello?* quem? Os regeneradores; que o inventaram! Pois está-se vendo que foi a sua melhor invenção! Que o pariato hereditarió e vitalicio tenha acudido pelos interesses publicos, ainda nos ultimos annos se não percebeu; mas hontem provou a presteza e a bizarria com que acode por interesses particulares ou de classe! Venha, pois, mais *galão branco*, logo que seja possivel! Prova-se assim que o galão branco é utilissimo.» Diz isto com muito acerto um illustrado e auctorisado collega nosso fallando dos pares electivos.

— Realisou-se ante-hontem no Paço d'Ajuda o jantar offerecido por Suas Magestades á Commissão Executiva da Exposição Industrial Portugueza, aos presidentes e secretarios das diversas commissões que a coadjuvaram na realisação do grande certamen nacional, á secção agricola e á junta promotora dos melhoramentos agricolas da 7.ª região, que promoveu a exposição pecuaria. O banquete, a que assistiram 77 convidados, começou ás 6 horas da tarde, estando a sala ornada com grande luxo e bom gosto, dando-lhe realce os brilhos da magnifica baixella, da casa real. Ao *dessert* S. M., erguendo-se, pronunciou o seguinte brinde:

«Esta é uma das festas mais agradaveis ao meu coração de soberano e de portuguez, porque vejo reunidos na minha casa e sentados á minha mesa os representantes das forças vitaes do paiz—a industria e a agricultura. N'essa exposição ha pouco inaugurada eu vi com orgulho os grandes adeantamentos que tem feito a industria nacional e como todos porfiaram para a sua brilhante realisação, e pensando n'este facto grandioso, honra para o paiz, não posso olvidar o nome de um homem honrado, de um cidadão prestimoso, de um genio, de um amigo—de Antonio Augusto de Aguiar.

Mas não esqueçamos aquelles que empregaram todos os seus esforços para levar a effeito a idéa de Aguiar e que puderam lograr esse patriotico intento. Com prazer, tambem vejo a industria e a agricultura marcharem juntas, como duas irmãs gemeas, reunindo assim todos os elementos da actividade da nação, porque ella só póde ser grande, e merecer os respeitos a que tem direito uma nação civivilisada, continuando a mostrar-se a par de todos os melhoramentos com que o progresso e a civilisação teem dotado os povos modernos. Portugal, o velho Portugal, revive glorioso, e eu ufano-me de ver todos unidos marchando na senda do progresso, e prestando assim a homenagem devida ás suas gloriosas tradicções.

Como verdadeiro portuguez que sou e amante sincero e ardente da nossa querida patria, creio firmemente no que ha a esperar de uma nação, quando todos os seus filhos são unidos. Sejamos um por todos e todos por um, porque a união faz a força, e essa não ha de faltar a um povo que trabalha, que se adeanta e que procura por todas as fórmas revelar a sua vitalidade, o seu civismo e as suas crenças. Esta exposição, repetida d'aqui a mais alguns annos, revelará os adeantamentos da nossa industria e quanto temos progredido em melhoramentos materiaes e no desenvolvimento agricola.

Continuemos todos trabalhando, aperfeiçoando os nossos productos e seguindo o norte da moralidade e do trabalho, que é o unico que póde garantir a tranquilidade no presente e a felicidade no futuro. Brindo pela prosperidade da industria e da agricultura do meu paiz.

Em seguida, o sr. J. C. Melicio, presidente da Commissão Executiva da Exposição, obtida a devida venia, agradeceu a subida honra que S. M. El-Rei havia dispensado á industria e á agricultura, e em nome d'estas duas classes pediu licença para brindar pela saude de S. M. e de toda a sua familia.

Findo o banquete, passou a familia real para a sala contigua á do throno, seguida de todos os seus convidados. S. M. El-Rei e S. M. a Rainha tiveram para cada um d'elles uma palavra amavel e cordeal. A's 9 e meia horas retiraram-se os augustos personagens. O menu foi sumptuoso.

— Sob a presidencia do sr. Estevão de Oliveira, realisou-se na terça-feira á noite a segunda reunião dos diversos centros agricolas do paiz. Decidiu-se que, na segunda quinzena do mez de agosto proximo, se leve a effeito um congresso viticola, que deverá occupar-se da 2.ª e 6.ª secções do programma, relativas a assumptos phylloxericos e ao commercio de vinhos. Para aquella secção, foi nomeado o sr. Gorjão; para esta, o sr. Macieira, tendo como adjuncto o sr. Izidoro de Souza. A direcção da real associação adoptará quaesquer providencias, tendentes á realisação do congresso, e aos trabalhos preliminares d'elle.

—Estiveram na terça-feira no theatro da Trindade, Suas Magestades El-Rei e a Rainha e o sr. Infante D. Affonso. El-rei está completamente bom.

— Domingo inaugura-se na exposição industrial o pavilhão do principe da Beira. N'esse pavilhão o sr. Mendonça Cortez expõe um grande panorama da cidade e varias cartas geographicas em alto relevo; o sr. Carlos Relvas, um modelo d'um barco salva-vidas de sua invenção.

— Fez-se hoje no commissariado de policia, por ordem de sua magestade a rainha, a distribuição de soccorros ás familias necessitadas das victimas do incendio que houve na rua dos Anjos, na noite de S. Pedro.

— Aos regimentos de caçadores 1 e 5 e infanteria 10 e 15 vae ser distribuida a nova arma em substituição da actual.

— Está marcado o dia 15 para a sagração do sr. arcebispo de Mitylene. O acto realisa-se na Sé de Lisboa e não em Coimbra, como se havia dito.

— Causou importantissimos estragos a ultima trovoada que caiu sobre o concelho de Cadaval. A maior parte dos proprietarios ficaram com as cearas, vinhas, hortas, pomares e olivaes completamente estragados, isto em virtude da grande quantidade de pedra, que, caindo com prodigiosa rapidez, tudo inutilisou, e ha pontos em que attingiu a mais de metro e meio de altura. Nos logares de Salvador e Espinheira, o prejuizo é quasi completo, e tal foi a abundancia da pedra, que os canaes dos telhados se encheram de agua, inundando depois as casas. Ainda ha dias se via um metro de altura de neve! Calcula-se que prejuizo causado nos vinhedos é de 1:200 pipas de vinho.

— Prestou juramento nas mãos do sr. ministro da justiça e perante o conselheiro secretario geral do ministerio, o rev. arcebispo-bispo de Portalegre, D. Gaudencio José Pereira.

—Partiram hoje para Angola acompanhadas pelo sr. presidente da relação de Loanda tres irmãs hospitaleiras. Vão para alli a pedido do governo, que é o primeiro a reconhecer os bons serviços d'estas pobres senhoras.

— Os collegas do sr. João Chrisostomo Melicio na commissão executiva offerecem-lhe na segunda-feira um jantar.

— Entrou em Rilhafolles o sr. José Julio d'Oliveira Baptista, juiz da comarca de Moura, que foi deputado na legislatura de 1880 e que foi acommettido d'alianação mental na propria cadeira do tribunal.

— Diz-se que o sr. marquez da Foz mandara hoje os seus padrinhos ao sr. Jorge O'Neil por causa da carta ultimamente publicada por este sr. A questão versa sobre assumpto da administração dos caminhos de ferro portuguezes.

— Foram hoje prezos sete individuos por suspeitas do projectado assalto ao armazem dos caminhos de ferro, no Poço do Bispo. O chefe da quadrilha chama-se José Pena.

— Chegou a Lisboa uma embaixada siameza, que será recebida por El-rei. Está hospedada no hotel Bragança.

— O projecto de lei relativo á dotação da instrucção primaria, em que o governo está empenhado, está em discussão.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

HOTEL SERRA

LUSO

ESTE Hotel, que se acha montado nas melhores condições, tem magnificos quartos, lindas vistas, jardim e cascata; um cosinheiro de primeira classe e um pessoal excellente; meza com grande abundancia e aceio; criadas decentes para servir senhoras.

Além d'isso tem na estação de Luso um carro á hora de todos os comboios.

Preços commodos.

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este genero, já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obrass nas provincias, por ter os melhoree applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

A saude restituida a todos sem despezas nem emprego da medicina.

A ninguem esqueceu ainda o enthusiasmo com que o presidente Dupui disse em pleno Senado: «Para que precisamos nós das drogas se possuimos a deliciosa *Farinha de Saude Revalesciére* a que nenhuma doença resiste?!»

Com effeito a Revalesciére tem effectuado curas verdadeiramente assombrosas, como se prova com milhares de certificados em que, entre outros, doentes notaveis como o fallecido Pio IX e S. M. o imperador da Russia, declaram dever á sua aplicação a cura de enfermidades desesperadas.

O celebre professor Déde, radicalmente curado de uma dyspepsia e de uma affecção catarrhal na bexiga, accresenta no seu certificado:—«Se eu tivesse que escolher um remedio efficaz para qualquer doença, quer fosse do estomago, intestinos, nervos, figado, peito, cerebro ou sangue, não hesitaria um instante sequer em preferir a todas as drogas a Revalesciére—tal é a confiança que deposito nos seus resultados, que não tenho duvida em qualificar *infalliveis*.»

Mr. Henry Stanley, o grande explorador africano, rival de Mr. Brazza, nas explorações do Congo, escreveu da aldeia de Kaghaki, sobre o Congo, de Victoria Nyanza, em 1 de março de 1875:

«De volta d'uma caçada infructifera, causou-me realmente dó a figura dos meus companheiros, e tanto que quasi desatei em lagrimas; mas resolvido a salval-os, preparei com a Revalesciére du Barry uma refeição para *duzentos e vinte homens*. Causava commoção ver o modo como os seus rostos se desanuviavam ao comer essa dôce farinha reparadora.»

Não é menos benefico o seu effeito sobre as creanças, como o demonstram as cartas que seguem:

«A minha pequena Maria, delgadinha-fraca e delicada, não prosperava quasi na, da com o leite da ama; decidi-me a dar-lhe a Revalesciére du Barry, o que a transformou rapidamente, tornando-a fresca, rosada e exabundante de saude.

Paris, 4 de julho de 1880.

G. de Montavaz.»

«Meu caro senhor:—Minha filha não conseguia digerir, nem dormir; soffria de insomnias, de fraqueza e irritação nervosa. Felismente recuperou a saude com o uso da sua Revalesciére chocolatada que lhe restituiu o apetite, a boa digestão, a tranquilidade dos nervos e do somno, bem como a alegria de espirito que de ha muito a abandonára

Porto, 11 de junho de 1886.

H. de Moutonis.»

Quatro vezes mais nutriente do que a carne, tendo além d'isso, a particularidade de não excitar, a Revalesciére custa cincoenta vezes menos que outros quaesquer alimentos ou remedios.

A Revalesciére prolonga a vida por mais 20 ou 30 annos e constitue sobretudo um alimento de primeira ordem para as creanças de peito, sendo em tudo preferivel ao leite.

40 annos de successo.

Em caixas de folha de lata, de um quarto de kilo, 500 réis; de meio kilo, 800 réis; de um kilo, 1$400 réis; de dois kilos e meio, 3$200 réis; de seis kilos, 5$400 reis.

DU BARRY & C.ª LIMITED

Depositos—Em Aveiro, F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto, Cassels & C.ª, 127, rua de Mousinho da Silveira.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

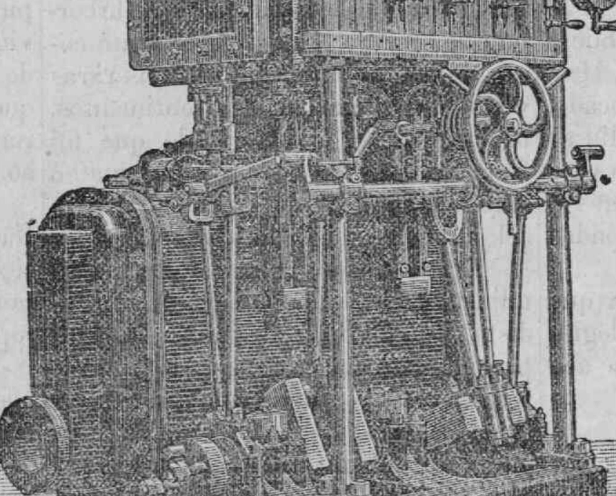
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇAO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Visconde da Praia Grande de Macau*.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Accita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

ROB BOYVEAU LAFFECTEUR

Cura todas as Molestias resultantes dos Vicios do sangue: *Escrofulas, Eczema, Psoriase, Herpes, Lichen, Impetigo, Gôta* e *Rheumatismo.*

ROB BOYVEAU-LAFFECTEUR

AL IODURETO DE POTASSIO

Cura os accidentes syphiliticos antigos ou rebeldes: *Ulceras, Tumores, Gômmas, Exostose,* assim como *Lymphatismo, Escrofulas* e *Tuberculose.*

Em Paris, Casa J. FERRÉ, Ph^co, 102, rue Richelieu, Sr de BOYVEAU-LAFFECTEUR, e em todas as Ph^as.

PAPIER WLINSI Remedio soberano paraa cura rapida das *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Pariz.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D.R FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 CORES e o Sello da União dos Fabricantes

Em PARIZ, Pharmacia LEROY. — Depositos em todas as principaes Ph^as.

PILULAS DE BLANCARD

DE IODURETO de FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK 1853 — *Approvadas pela Academia de Medicina de Paris. Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo* — PARIS 1855

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios, etc.*), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto. Blancard

Pharmac^co em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.

As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

INJECTION BROU

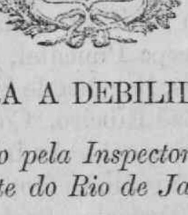
Hygienica, infallivel e preservativa, a unica que cura, sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.

Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.

200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO XAROPE do D.or FORGET Em todas as Pharmacias do Universo *Exija-se o endereço ao lado*

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE *Em todas as boas Pharmacias* *Exija-se o endereço ao lado*



CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

As pessoas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR DEHAUT, DE PARIS *não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.* 5 fr. e 2 fr. 50

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não mancha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Pariz) cura em muito pouco tempo as **gonorrheas mais intensas.** Muito util tambem como *preservativo.* *Exija-se a assignatura de RAQUIN.*

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES 78, FAUBOURG SAINT-DENIS, Pariz,

E em todas as boas pharmacias do extrangeiro.

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

EÇA DE QUEIROZ

Os Maias, episodios da vida romantica, 2 grossos volumes......... 2$000

DAVID CORAZZI, EDITOR

DECIMO VOLUME DA

BIBLIOTHECA UNIVERSAL ANTIGA E MODERNA

O LIVRO DOS SNOBS

POR

TACKERAY

(celebre escriptor inglez)

Versão offerecida aos snobs portuguezes de todas as classes, idade e sexos

N'esta obra teem todos os leitores a certeza de encontrar o retrato dos outros e quasi todos o seu retrato proprio.

A obra consta de 2 volumes e devide-se em 50 capitulos. Preço de cada volume 100 reis. A' venda o primeiro volume, o segundo sahe brevemente. Vende-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa.

A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos, 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114, Porto

OS ANTROS DE PARIS

ULTIMA PRODUCÇÃO DE *XAVIER DE MONTÉPIN*

Romance em 5 volumes, illustrado com 15 cromo-litographias, aguareladas por Manuel de Macedo e executadas na litographia Guedes.

Traducção de A. M. da Cunha e Sá

10 reis cada folha—10 reis cada cromo—20 reis cada capa habilmente colorida. Lisboa 60 reis por semana, pagos no acto da entrega. Provincias, 120 reis, de duas semanas, pagos adiantadamente. Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 42—Lisboa.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS PARA AS FAMILIAS

Preço de assignatura

Um anno..........................	4$200
Seis mezes........................	2$100
Numero avulso....................	200

Assigna-se na livraria de E. Chardron—Lugan & Genelioux successores Porto.

BAPTISTA DINIZ

OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

Preço.......... 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE

NOVIDEDE LITTERARIA

TITO MARTINS

AGUARELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

FLOR DE MYOSOTES

ROMANCE ORIGINAL

Por Alberto Pimentel

SILVIO PELLICO

AS MINHAS PRISÕES

TRADUCÇAO

DE

CUNHA QUEIROZ

Um elegante volume in-8.º, de 332 paginas, illustrado, com magnifico papel. Preço 400 reis, pelo correio 450 réis. Pedidos aos editores Campos & C.ª, 86, rua Augusta, 88—Lisboa.

ALBUM DE COSTUMES PORTUGUEZES

AGUARELLAS

DE

Alfredo Roque Gameiro, Columbano Bordallo Pinheiro, Condeixa, Malhôa, Manuel de Macedo, Raphael Bordallo Pinheiro e outros.

ARTIGOS DESCRIPTIVOS

DE

Fialho d'Almeida, Julio Machado, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Xavier da Cunha

Publicação quinzenal aos fasciculos

Assigna-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa, Rua da Atalaya, 40 a 52. e na Filial do Porto, Praça de D. Pedro, 127 1.º andar.

UNIVERSO ILLUSTRADO

Semanario de Instrucção e Recreio

EDITORES, CAMPOS & C.ª, LIVREIROS

Rua Auusgta, 88

LISBOA

Segunda série—Segundo anno. Publicados 5 volumes de quatrocentas dezesseis pag'nas cada um. Em publicação do 6.º vol.

O TESTAMENTO VERMELHO

Ultima producção de Xavier de Montépin, em cinco ou seis volumes, illustrados com 15 chromos-lithographias, aguarelladas por Manuel de Macedo e executadas na lithographia Guedes. Traducção de A. M. da Cunha e Sá.

10 reis cada folha, 10 reis cada chromo, 20 reis cada capa habilmente colorida. Brindes a todos os srs. assignantes: Um almanach illustrado para 1889 e a capa do 1.º volume colorida.

Lisboa e Porto, 60 reis por semana, pagos no acto da entrega; provincias, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adeantadamente. Pedidos de assignaturas ou requisição de prospectos, em Lisboa, á casa editora David Corazzi, 40, Rua da Atalaya, 52, ao Deposito, Rua dos Retrozeiros, 153—1.º andar e a todas as livrarias.—No Porto, á Filial da casa, Praça de D. Pedro 127, 1.º e ás principaes livrarias.—Na provincia, aos srs. correspondentes.

GUIA DO NATURALISTA

Collecionador, preparador e conservador

POR

Eduardo Sequeira

2.ª edição refundida e illustrada com 131 gravuras. Um volume brochado, 500 reis, pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho, editora. Rua dos Caldeireiros, 18 e 20, Porto

COLLECÇÃO DOS ACCORDÃOS DO SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

Proferidos sobre a materia contenciosa desdes a sua organisação (9 de julho de 1870) até 31 de dezembro de 1883, copiados na integra da Legislação Official e coordenados alphabeticamente

POR

Miguel da Costa Trindade

Amanuense do Governo Civil de Leiria

Estão publicados 3 volumes que conteem: e Decreto de 9 de junho de 1870 pelo qual foi separado o Conselho d'Estado Politico do Conselho d'Estado Administrativo, ficando este a denominar-se Supremo Tribunal Administrativo; o relatorio apresentado pelos ministros e secretarios d'Estado que motivou aquelle Decreto; e todas as resoluções proferidas sobre;—Accordãos=Acções=Actas=Açudes=Aforamentos=Alcances=Alheação=Alfandegas=Alinhamentos=Arrematações=Arvores=Assembleias=Audiencias=Baldios=Boticarios=Brazões=Camaras Capellas=Carnes (fornecimentos)=Celleiros communs=Cemiterios=Companhias=Compascuo=Conflictos=Contas=Contractos—e Contribuição industrial.

A parte que respeita á contribuição industrial é sem duvida uma das, mais importantes d'esta collecção por que n ella se acham resolvidas as muitas e differentes interpretações a que dão logar as leis e regulamentos respectivos, não só sobre o lançamento d'esta contribuição, como sobre a formação de matrizes, classificação das industrias, mudança de umas classes para outras, ommissão de inscripção, organisação e attribuições dos gremios, attribuições das camaras municipaes, juntas dos repartidores, escrivães de fazenda, tribunaes e funccionarios superiores; maneira de interpôr os recursos ordinarios e extraordinarios, informações colhidas, validade de attestados e declarações, provas, prasos, annullações e muitos outros accidentes que se dão n'este ramo de serviço publico e que occasionam a infenidade de reclamações e recursos que constantemente sobem ás instancias superiores, interpostos por contribuintes ou pelos funccionarios que a isso são obrigados por lei.

Não obstante os accordãos se acharem coordenados alphabeticamente de fórma que de prompto se encontram todas as resoluções que tenham sido proferidas em recursos sobre certo e determinado assumpto, ainda cada volume é precedido de um desenvolvido indice alphabetico não só dos negocios de que trata cada uma das resoluções, tambem das doutrinas expendidas nos respectivos considerandos.

Preço dos 3 volumes 2$150 reis, franco de porte.

A' venda: na redacção do *Districto de Leiria*, Leiria; no Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron; Lisboa, livraria do sr. Joaquim José Bordallo, travessa da Victoria; e em outras das principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

ESPECTACULOS

THEATRO AVEIRENSE

No dia 15 do corrente dá um espectaculo a *Troupe Dramatica Aveirense*, com a repetição do drama O VETERANO DA LIBERDADE, a beneficio do mesmo Theatro.

Os bilhetes desde já se encontram á venda na loja do sr. Antonio Cardoso d'Azevedo, á rua Direita.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO